

**RECORDAR,  
REPETIR,  
ELABORAR**

## **SOBRE A SIGNIFICAÇÃO PSICOLÓGICA DA NÉGAÇÃO EM FRANCÊS<sup>1</sup>**

J. Damourette e Ed. Pichon \*

*A seção Recordar, repetir, elaborar deste número da Revista da APPOA apresenta um texto de original importância para a psicanálise. Aparentemente, poderia parecer tratar-se de um texto dirigido aos francófonos, mas ele se revela, na verdade, muito mais que isso. Trata-se de contribuição ímpar para o entendimento de uma questão nada banal na psicanálise, principalmente lacaniana, a da denegação.*

*Longe de ser possível estabelecer um modelo comparativo existente entre as formas da negação da língua francesa e as da língua portuguesa, nossa intenção é proporcionar ao leitor maior aproximação com uma das principais contribuições feitas por Jacques Lacan para sua leitura da obra Freud, ao propor que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.*

*Podemos, aqui, com um exemplo de extraordinária beleza e contundência, mostrar o que a língua portuguesa p(ô)de criar, em relação à negação, sem que simplesmente apliquemos a gramática francesa à portuguesa. Guimarães Rosa, na primeira frase do seu Grande sertão: veredas, escreve assim:*

*– Nonada.*

*Na palavra-frase, a sensação de estranhamento que temos com a nossa língua, que julgamos tão familiar, é imensa. Nonada. Guimarães Rosa começa*

---

<sup>1</sup> Sobre a significação psicológica da negação em francês, publicado em 1928 no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*.

\* Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS).

*seu livro utilizando uma forma de negação com uma palavra-frase que não existe na gramática oficial. Mas onde ela existe? Por certo, dominamos as formas gramaticais que a língua portuguesa oferece aos falantes para que a negação dê mostras do seu alcance. Não temos dúvidas de que Guimarães Rosa também as dominava. Então, por que esse recurso se mostrou necessário? Criar uma palavra que duplica a negação. Rosa lançou mão, sem dúvida alguma, de um dos recursos infundáveis de que a língua mostra ser capaz.*

*Nesse sentido é que se insere o texto que ora publicamos. Seus autores – Jacques Damourette, filólogo, e seu sobrinho Édouard Pichon, psicanalista e psiquiatra – foram de alguma maneira precursores das idéias que Jacques Lacan desenvolveu anos depois. Publicaram um livro, de sete volumes, intitulado: Des mots à la pensée. Essai de grammaire de la langue française. Nesse livro exploraram as idéias relativas ao impensado da língua. Ou seja, deram mostras da preocupação não só com a vivacidade, mas também, com a enorme potencialidade que uma língua comporta. Falamos sem saber, inconscientemente, o que modela nossa fala.*

*O texto Sobre a significação psicológica da negação em francês (1928) tem como tese central a idéia de que, em francês, não existe negação real, mas, sim, a combinação entre a discordância (a palavra ne) e a forclusão (indicada pelas palavras pas, jamais, point).*

*Essas idéias, oriundas de Damourette e Pichon, inspiraram Lacan, segundo Roudinesco, a apontar que a discordância e a forclusão são operações produzidas pelo sujeito do inconsciente, principalmente no que se refere ao estatuto da forclusão na psicose. De alguma maneira, este texto, antecipa conceitos que ajudariam Lacan, no seu retorno a Freud, a formalizar o que poderíamos chamar de gramática do inconsciente. Ou seja, haveria a prioridade da língua sobre o pensamento; em outros termos, a prioridade do inconsciente em relação ao consciente. Assim, poderíamos nos interrogar, retornando ao início desta apresentação, se há uma estrutura do inconsciente independente da língua em que se fala ou em que se é falado.*

Considerando que a linguagem é uma das manifestações mais importantes e naturais do pensamento humano, seu estudo fornece à investigação psicológica um dos caminhos mais úteis, que deve remontar, segundo nos parece, do fato lingüístico ao fato psíquico, do qual é a exteriorização. Partir do enquadramento de uma lógica *a priori* e tentar encontrar como a língua o preenche talvez equivalha a um bom trabalho didático, mas não ajuda a avançar na questão do funcionamento psíquico real da linguagem. É a própria língua que deve ser questionada sobre os segredos de sua estrutura psicológica interna.

O mecanismo da elocução está longe de comportar apenas pensamentos conscientes; a escolha de um modo gramatical, de uma construção, até de uma palavra é muito mais inspirada pelo sentido que temos de nossa língua do que feita por um ato plenamente consciente e voluntário de nosso intelecto. Portanto, se procurarmos os elementos psíquicos representados na estrutura da linguagem, lançaremos uma luz sobre o subconsciente do sujeito faltante.

As idéias, no sentido mais amplo dessa palavra, formam de certo modo o material que constitui a linguagem: porém, no conjunto das noções possíveis, cada idioma possui um certo número de noções que funcionam como referências, como circunstâncias de classificação. Quando um francês, por exemplo, emprega um subjuntivo ou um indicativo, isso significa que nele funcionou um mecanismo geral de distribuição dos fatos verbais em fatos exprimíveis pelo subjuntivo e fatos exprimíveis pelo indicativo. Coletar com atenção um grande número de frases tanto orais quanto escritas onde figurem, de um lado, indicativos, de outro, subjuntivos, e compará-las cuidadosamente entre si até que disso surja a apercepção da unidade do indicativo e da unidade correlativa do subjuntivo significa obter um dado cientificamente válido sobre a psicologia coletiva dos sujeitos que têm o francês como língua materna. O artigo que publicamos em *Évolution psychiatrique*<sup>2</sup> expõe os dados essenciais de nosso método e estuda sumariamente, a título de exemplo, as diferentes noções que o sentimento lingüístico distingue no campo do tempo. Nesse artigo, mostramos, por meio das próprias formas da língua, que, sob a aparência de que o intelecto puro é levado a amalgamar a noção geral de tempo, esconde-se um mecanismo sem dúvida intelectual, mas também afetivo, muito mais preciso. Seu centro é o “presente do indicativo”, que aparece sempre que o espírito não tem razões especiais para descartá-lo. E, quando os mecanismos de distribuição citados

---

<sup>2</sup> J. Damourette & E. Pichon, La grammaire en tant que mode d'exploration de l'inconscient, in *L'Évolution psychiatrique*, t. I, p. 235 e seguintes.

*J'ai fait* e *je fis* correspondem aos tempos verbais *passé composé* e *passé simple* respectivamente e equivalem ambos ao pretérito perfeito do indicativo em português. (Nota de trad.)

anteriormente entram em jogo, ele não é empregado. Ora, nenhum desses mecanismos incide propriamente sobre o tempo, concebido como tal e em toda sua generalidade. O primeiro (*j'ai fait*, *je ferai*) [eu fiz, eu farei] determina o passado ou o futuro, de modo aliás um tanto dissimétrico, em relação ao presente pontual; o segundo (*je fis, je ferai*) [fiz, farei] também considera o fato sem sua duração, mas o mergulha num passado ou num futuro completamente estranhos ao presente; o terceiro, enfim (*je faisais*) [eu fazia], confere ao fato toda sua duração, toda sua vida dinâmica, mas o transporta para um mundo de fatos não presentificado.

\*  
\*   \*   \*

Parece-nos interessante falar agora de uma noção que desempenha um papel capital na lógica comum: a negação.

Não se trata, é claro, de estudar detalhadamente aqui os recursos usados pela língua para exprimir a negação, tampouco sua evolução histórica, cujo estudo é inseparável daquele de seus meios de expressão. Nossa intenção é estabelecer os grandes traços do estado presente da questão na percepção lingüística do idioma que falamos. Talvez sejamos forçados a ser um tanto dogmáticos nesta exposição, mas vamos nos esforçar para evitar o máximo possível esse obstáculo.

A própria noção de negação, que parece estar na base de todas as lógicas e que serviu desde a Antiguidade para classificar as orações e fixar as regras de seu encadeamento dedutivo, não é, no entanto, ao menos na forma simplista como é conscientemente concebida em geral, um fator real do pensamento francês.

Aliás, desde a língua grega, para fundar a idéia geral de negação, era preciso abstrair a diferença entre os empregos respectivos de  $\sigma\upsilon$  e de  $\mu\eta$ . Em geral, para indicar quando empregar um ou outro, os gramáticos gregos fornecem apenas regras empíricas bastante vagas, a partir de exemplos deste ou daquele tipo de frase. Entretanto, é impossível admitir que a distinção entre  $\sigma\upsilon$  e  $\mu\eta$  não correspondesse a alguma diferença real no sentimento lingüístico dos helenos. Parece, contudo, que perdemos para sempre os meios de reconstituir exatamente uma distinção semântica tão interessante.

O francês, ao contrário, não constitui um material morto, mas uma língua totalmente viva; se conseguirmos reconstituir, por meio do estudo dos textos escritos e da linguagem oral de terceiros, os mecanismos psicolingüísticos efetivos da negação, nossa própria percepção lingüística estará presente para nos advertir que acertamos efetivamente.

\*  
\* \*  
\*

Examinando frases negativas francesas do tipo mais comum, veremos que são assim constituídas:

*Depuis une heure que je cherche ma casquette, je **ne peux pas** me rappeler où je l'ai mise.*

[Faz uma hora que procuro meu boné, não consigo me lembrar onde eu o pus.]  
(Courteline, *Les Linottes*, II, p. 61)

*Nous respirons, notre cœur bat, nous **n'y pensons pas**, nous **ne sentons rien**.*  
[Respiramos, nosso coração bate, não pensamos nisso, não sentimos nada.]

(Gil Robin, *La Femme et la Lune*, VI, p. 65)

*Quand elles sont méritantes, je **ne néglige jamais** l'occasion de récompenser mes servantes.*

[Quando merecem, não negligencio nunca a oportunidade de recompensar minhas empregadas.]

(Thomas Raucat, *L'Honorable Partie de Campagne*, V, p. 113)

Assim, a negação nessas frases é, como todos sabemos desde a escola primária, constituída por duas partículas: de um lado, a partícula *ne*, de outro, os “advérbios” *pas*, *rien*, *jamais*. É verdade que, na língua coloquial, ouvem-se frases como:

*... parles-en un petit peu, pour voir, du nez du général Suif.*

– *Quand je te dis que j'**en** parlerai **pas**.*

[... fale um pouquinho, para ver, do nariz do general Suif.

– Mas estou lhe dizendo que não falarei dele!]

(Courteline, *Coco, Coco et Toto*, Le nez du général Suif, p. 65)

Podemos nos perguntar, porém, se não se trata de um esmagamento puramente fonético de *ne* – já que, por outro lado, os mesmos indivíduos empregam o *ne* com freqüência:

*C'est **pas** mon tour... Il y a Bouffioux qui **n'a pas** encore pris.*

[Não é minha vez... Bouffioux ainda não pegou.]

(Roland Dorgelès, *Les Croix de Bois*, XV, p. 299)

e, admitindo que a omissão de *ne* seja um fenômeno semântico, deveríamos pensar, visto que os mesmos locutores empregam esse *ne* em outros

casos, que se trata apenas de uma omissão real da noção de *ne* pelo espírito. E isso nos ensina, em todo caso, que a noção expressa por *pas*, *rien* e *jamaís* é mais próxima da negação bruta da lógica clássica do que a noção de *ne*.

Assim, o francês possui uma negação em duas partículas: *ne...pas*, *ne...jamaís*, *ne...rien*. A explicação dada em geral é puramente histórica: a negação original, conforme nos ensinam, era *ne*. Como essa negação se encontrava reduzida a um monossílabo, até mesmo apenas ao fonema [n], adquiriu-se o hábito de reforçá-la por meio de vocábulos de valor essencialmente afirmativos, como *pas*, *rien*, *jamaís*, e progressivamente, ao longo da história, o valor de negação se transportou da primeira partícula, *ne*, para a segunda, *pas*, *rien*, *jamaís*. De acordo com essa tese, poderíamos, ao que parece, prever a época em que o *ne*, tendo se tornado totalmente inútil, desapareceria. Essa explicação puramente histórica não esclarece absolutamente a natureza das noções contidas em *ne* e em *pas*, *rien*, *jamaís* para a percepção lingüística do francês de hoje. De fato, *ne* possui, além da presença de *pas*, *rien*, *jamaís*, etc., toda uma série de empregos bem particulares que não são nem totalmente negativos, nem verdadeiramente afirmativos. Ao nosso ver, é portanto inegável que o francês constituiu um novo sistema taximático\* que substituiu a negação latina. A chave desse sistema deverá então ser buscada nos empregos isolados de cada uma das duas partículas da negação, e a negação plena do tipo *je ne viens jamaís* [eu não venho nunca] será o ponto lógico de intersecção desses dois mecanismos de distribuição.

Os empregos de *ne* são de três tipos:

1º Os empregos com *pas*, *rien*, *jamaís*, etc., para constituir uma negação comum. Foram os que vimos até agora.

2º Os empregos com *que*, para formar uma negação da qual se descarta apenas a coisa introduzida por *que*. Por exemplo:

*Claudia? Fit le père. C'est vrai, elle n'a que moi et il m'en coûte de la quitter.*

[Claudia? Disse o pai. É verdade, ela não tem senão a mim e custa-me deixá-la.]

(Jacques Bainville, *Jacó et Lori*, V, p. 114)

\* Termo cunhado por Damourette & Pichon, a partir de *taxiema*, para referir o sistema da língua. Segundo eles, a linguagem é um subsistema do pensamento, composto por idéias *livres*, os *semiemas*, e por idéias classificadoras, os *taxiemas*, que refletem o caráter profundo de uma língua e que servem de arcabouço à linguagem. (Nota de trad.)

3º Diversos empregos isolados, na oração subordinada. São estes que fornecerão a chave do problema. Com efeito, o estudo detalhado que fizemos desses diversos empregos de *ne* na subordinada nos levou a pensar que *ne* expressava sempre uma discordância entre essa subordinada e o fato central da frase. Foi por isso que demos a *ne* o nome de *discordancial*. Pelas breves considerações que seguem, o leitor poderá se dar conta das diversos tipos de casos em que o espírito percebe essa discordância e a exprime.

\*  
\* \*

Talvez o caso mais claro seja a presença de *ne* após os comparativos de desigualdade. É evidente que, neste caso, há uma discordância entre a qualidade desejada e o padrão a que se relaciona. Assim, é habitual empregar *ne* nesta situação.

*Le besoin de rendre insolence pour insolence lui avait fait prendre des formes hautaines et désobligeantes qui, jointes à sa légèreté et à sa distraction, lui ont fait plus d'ennemis qu'il n'en méritait.*

[A necessidade de devolver insolência com insolência fizera-o assumir atitudes altivas e desagradáveis que, associadas à sua leviandade e à sua distração, renderam-lhe mais inimigos do que merecia.]

(M<sup>me</sup> de Boigne, *Mémoires*, VI, 10, p. 230)

*... il lance le disque, qui va tomber à trois pieds plus loin que ne l'avait lancé Euphorion.*

[... ele lança o disco, que vai cair a três pés mais longe do que o lançara Euphorion.]

(A. Laurie, *L'Écolier d'Athènes*, VII, p. 92)

*Je n'ai jamais vu de singe qui ressemblât plus à l'homme qu'il ne ressemblait lui-même à un singe.*

[Jamais vi um macaco que se parecesse mais com um homem do que ele próprio se parecia com um macaco.]

(F. Sarcey, *Etienne Morel*, I, p. 6)

*Et il est juste qu'il en soit ainsi, parce que l'âme de saint François était plus belle que n'est la mienne.*

[E é justo que assim seja, porque a alma de São Francisco era mais bela do que a minha.]

(A. France, *Le lys rouge*, XIX, p. 224)

*À la bonne heure! Faut pas me croire plus moule que je ne suis, mon vieux Constant.*

[A propósito! Não me julgue mais imbecil do que eu sou, meu velho Constant.]

(Gyp. *Une panne bienfaisante*)

*Il a plus de gêne qu'il n'en a l'air.*

[Ele está mais constrangido do que parece.]

(R. Boylesve, *Nymphes dansant avec des Satyres*, Le Miracle de Saint-Vaisseau)

Um caso particular do discordancial após os comparativos de desigualdade é seu emprego após a locução *à moins que* [a menos que]. Por exemplo:

*Car que faire en un gîte à moins que l'on ne songe?*

[Pois o que fazer em um albergue senão pensar?]

(La Fontaine, *Fables choisies*, II, 14. Le Lièvre et les Grenouilles)

\*

\* \*

O *discordancial* também é empregado nas orações subordinadas substantivas governadas por verbos que expressam temor, precaução e impedimento. Por exemplo:

A) Temor:

*Je tremble qu'Athalie, à ne vous rien cacher,*

*Vous-même de l'Autel vous faisant arracher,*

*N'achève enfin sur vous ses vengeances funestes,*

*Et d'un respect forcé ne dépouille les restes.*

[Receio que Athalie, não vos escondendo nada,

Arrancando-vos do altar,

Abata enfim sobre vós suas vinganças funestas,

E com um respeito forçado despoje os restos.]

(Racine, *Athalie*, I, 1)

*M. de Talleyrand, dans son discours au Roi, avait dit élégamment que les barrières étaient des appuis; la Cour craignoit qu'elles ne fussent des obstacles.*

[O Sr. Talleyrand, em seu discurso ao Rei, dissera elegantemente que as barreiras eram apoios; a Corte temia que fossem obstáculos.]

(M<sup>me</sup> de Boigne, *Mémoires*, IV, 7, t. I, p. 362)

*Son petit cousin se présentait au cercle. Il craignait qu'il ne fût blackboulé.*

[Seu primo em segundo grau estava se apresentando ao círculo. Ele temia que ele recebesse uma bola preta.]

(A. France, *Le lys rouge*, XII, p. 172)

No temor, há discordância entre o desejo do sujeito da principal e a possibilidade que ele considera.

B) Precaução:

*Mettez-vous là, vous dis-je; et quand vous y serez,  
Gardez qu'on ne vous voye, et qu'on ne vous entende.*

[Fique aí, eu lhe disse; e, quando estiver aí,  
Cuide para que não o vejam e que não o ouçam.]

(Molière, *Le Tartuffe ou l'Imposteur*, IV, 4)

*... ils avaient à veiller sur le feu et à prendre garde qu'il ne s'éteignit...*

[... eles tinham de cuidar do fogo e atentar para que ele não se apagas-se...]

(Clément Huard, *La Perse antique et la civilisation iranienne*, III, p. 488)

Na precaução, há discordância entre os esforços feitos pelo sujeito e o perigo que subsiste apesar deles.

C) Impedimento:

*Je couvrois ces matières-là d'un galimatias philosophique, comme d'un nuage, qui empêchoit que les yeux de tout le monde ne les reconnussent pour ce qu'elles étoient.*

[Eu cobria aquelas questões com uma algaravia filosófica, como se fosse uma nuvem, que impedia que os olhos de todos as reconhecessem pelo que elas eram.]

(Fontenelle, *Dialogues des Morts anciens avec des Modernes*, IV, Platon, Marguerite d'Ecosse, *Œuvres*, t. I, p. 157)

*Il y a un arbre qui empêche qu'on ne voie chez nous.*

[Há uma árvore que impede que se veja em nossa casa.]

(M<sup>me</sup> V.S., le 12 mai 1920)

No impedimento, há discordância entre o fenômeno que deveria se produzir e a força que o impede.

\*

\* \*

Na subordinada substantiva, o *discordancial* se encontra em condições um pouco diferentes quando o verbo central da frase sofre uma negação.

*Ne pas craindre* [não temer] pode ter dois sentidos: dizemos *Louis ne craint pas qu'Elisabeth parte* para expressar que Louis sentiria desprazer se Elisabeth partisse, mas que essa partida é improvável; neste caso, há concordância entre o que Louis deseja e o que provavelmente acontecerá; assim, não

há *discordancial*. Mas a mesma frase também pode querer dizer que Elisabeth vai provavelmente partir, mas que Louis não se importa que ela parta ou não. Também nesse caso, não há discordância. Por exemplo:

*Mais les bossus de la pensée ne craignent point que les passants viennent frôler par superstition leur malformité porte-chance.*

[Mas os corcundas do pensamento não temem que os passantes venham roçar por superstição sua deformidade portadora de sorte.]

(Aragon, *Une vague de rêves*, p. 11)

Depois de *ne pas empêcher* [não impedir], ora o discordancial está presente, ora ausente, e nos pareceu que era mais freqüentemente encontrado quando o subjuntivo da subordinada tinha um sentido presente. Por exemplo:

*Cela n'empêche pas qu'il ne soit mon ami.*

[Isso não impede que ele seja meu amigo.]

(M<sup>lle</sup> A.B., le 4 décembre 1926)

Na verdade, *ne pas empêcher* é uma negação muito elementar, que pode ter dois sentidos: ou “ter uma vontade ou tendência de oposição, mas impotente” – a realização do fato é inadequada a essa vontade e, portanto, há discordância e emprego de *ne* –, ou “não manifestar nenhuma oposição”. Não há, portanto, inadequação entre o fato e a vontade de impedimento, já que esta não existe, e não há *ne*. O *discordancial* surge, então, como um mecanismo muito acurado, empregado pelo espírito para se defender da imprecisão e da insuficiência da concepção bruta de negação.

Após *ne pas douter* [não duvidar], pode-se encontrar ou não o *discordancial*. Por exemplo:

Com o *discordancial*:

*On ne doute point que la fée n'eût encore fait là un tour de son métier.*

[Não se duvidou que a fada tivesse feito mais uma vez um passe de mágica.]

(Perrault, *La Belle au Bois dormant*, p. 42)

*Sa parfaite connaissance de Venise, grâce à laquelle je ne doutais pas qu'il ne m'eût découvert un logis à ma convenance.*

[Seu perfeito conhecimento de Veneza, graças ao qual eu não duvidava que ele tivesse descoberto para mim uma hospedagem condizente.]

(H. de Régnier, *L'Entrevue*, p. 39)

... mais quand le duc, pour me présenter, eût dit mon nom à M. de Bréauté, celui-ci voyant que ce nom lui était absolument inconnu, ne douta plus dès lors que, me trouvant là, je **ne** fusse quelque célébrité.

[... mas quando o duque, para me apresentar, disse meu nome ao Sr. de Bréauté, este, vendo que esse nome lhe era absolutamente desconhecido, não duvidou mais então que, encontrando-me ali, eu fosse alguma celebridade.]

(M. Proust, *A la recherche du Temps perdu*, t. IV, p. 110)

*Ces suicides en famille sont des crimes. Et je ne doute pas qu'ils ne fassent horreur aux mères qui sont mères avant tout.*

[Esses suicídios em família são crimes. E não duvido que causem horror às mães, que são mães acima de tudo.]

(Clément Vautel, *Mon Film*, in *Journal*, 30 juin, 1926, p. 1, col. 6)

Sem o *discordancial*:

*Je ne doutai point que l'amour causât ces douleurs.*

[Eu não duvidei que o amor causasse essas dores.]

(A. France, *La vie en fleur*, p. 34)

*Parce qu'ayant créé de la beauté, vous aussi ne doutez pas qu'il y ait un soleil pour regarder votre âme.*

[Porque criou a beleza, você também não duvida que haja um sol para olhar sua alma.]

(Estaunié, *L'infirmé aux mains de lumière*, p. 182)

... *On ne peut douter qu'ils soient pleins.*

[Não se pode duvidar que eles estejam cheios.]

(A. Arnoux, *La nuit de Saint-Barnabé*, p. 75)

A construção que comporta o *discordancial* parece mais precisa. *Ne pas douter* implica precisamente uma dúvida, sem a qual se diria: saber. Há discordância entre essa dúvida real, marcada aliás pelo subjuntivo, e a afirmação principal, que afirma que não se duvida. Surge, portanto, o *discordancial*, e ainda mais facilmente quando o fato é futuro, já que um fato futuro é duvidoso por essência.

Também se encontra o *discordancial* depois de *ne pas désespérer* [não desesperar], porque *ne pas désespérer* está longe de ser o contrário de *désespérer*: significa conservar uma esperança bem pequena, o suficiente para que não haja desespero. Permanece, pois, uma discordância entre o desejo que se tem do acontecimento expresso na subordinada e a improbabilidade irreduzível desse acontecimento. Por exemplo:

*Que si... on travailloit encore à faire imprimer des livres grecs avec la traduction Française à costé, ce que je ne désespère pas que l'on ne fasse quelque jour...*

[Que se... se trabalhasse ainda para mandar imprimir livros gregos com a tradução francesa ao lado, o que eu não perco a esperança que se faça algum dia...]

(*Méthode grecque de Port-Royal*, Préface, p. XV)

Como se vê, em todos os casos de empregos após a principal negativa, o *discordancial* intervém para corrigir a ilegítima rigidez da negação.

\*

\* \*

Um dos papéis mais interessantes do *discordancial* é o de seu emprego após *avant que* [antes que] que, inegavelmente, está aumentando. Muito raro antes do século XV, segundo Godefroy<sup>3</sup>, ainda é raro no século XVI<sup>4</sup> e no período clássico, mas se desenvolve consideravelmente no século XIX e desabrocha no século XX. Para dizer a verdade, persiste na língua a construção que comporta *avant que* sem o *discordancial*, mas o que é precisamente muito interessante é que parece haver uma nuance semântica bastante nítida entre as frases com *ne* e aquelas sem *ne*. Quando *ne* não está presente, a frase marca uma pura sucessão cronológica de fatos concebidos como sem duração e sem que seja indicado se o fato novo põe fim ou não ao estado de fato anterior. Por exemplo:

*On se lassa de me persécuter avant que je fusse lasse de souffrir.*

[Cansaram de me perseguir antes que eu ficasse cansado de sofrer.]

(Georges Sand, *Lettre du 18 octobre 1825*, in *Revue des Deux Mondes*, 15 avril 1926, p. 789)

*Le baron un matin, entra dans la chambre de Jeanne avant qu'elle fût levée.*

[Uma manhã, o barão entrou no quarto de Jeanne antes que ela tivesse levantado.]

(G. de Maupassant, *Une Vie*, VI, p. 58)

*Cette commission se réunira aujourd'hui même, à 15 h 30, afin que des décisions puissent être prises par la Conférence avant qu'elle se sépare.*

<sup>3</sup> E. Godefroy, *Dictionnaire de l'ancienne langue française*, S. V. Ainçois.

<sup>4</sup> E. Huguet, *Dictionnaire de la langue française du XVIe siècle*, S. V. Ainçois et Avant.

[Esta comissão se reunirá hoje mesmo, às 15h30, para que decisões possam ser tomadas pela Conferência antes que ela se disperse.]

(*Communiqué officiel* du 25 janvier 1921)

*Il dut sonner deux fois à la porte, avant que la domestique se montrât, affairée et gémissante.*

[Ele precisou tocar a campainha duas vezes, antes que a empregada aparecesse, atarefada e gemendo.]

(P. Bourget, *Le Danseur mondain*, III, in *la Revue des deux Mondes*, 1<sup>er</sup> mars 1926, p. 36)

*Il n'a plus reparlé ce soir-là, et est monté se coucher avant qu'on se soit mis à table.*

[Ele não falou mais naquela noite e subiu para se deitar antes que se fosse à mesa.]

(R. Dorgelès, *Les Croix de Bois*, VI, p. 141)

A presença de *ne*, ao contrário, marca a importância particular da condição expressa por *avant que*. Ela insiste sobre a duração anterior à intervenção do fato novo; implica, na maior parte do tempo, que esse fato novo põe fim ao estado de fato anterior. Isso significa que ela marca a discordância entre o fato novo e o fato principal: mais uma vez, o *discordancial* merece bem o nome que lhe demos. Por exemplo:

*J'entends sonner la dernière heure*

*De mil huit cent cinquante-huit;*

*L'année, avant qu'elle ne meure*

*Veut encore faire un peu de bruit.*

[Ouço soar a última hora

De mil oitocentos e cinquenta e oito;

O ano, antes de morrer,

Ainda quer fazer um pouco de barulho.]

(A de Vathaire, *Epines fleuries*. Trente et un décembre mil huit cent cinquante-huit)

*Avant que tu ne t'en ailles,*

*Pâle étoile du matin,*

.....

*Tourne devers le poète,*

*Dont les yeux sont pleins d'amour*

.....

*Tourne ton regard que noie*

*L'aurore dans son azur.*

[Antes de partir,  
Pálida estrela da manhã,  
Volta-te para o poeta,  
cujos olhos estão cheios de amor  
Volta teu olhar que a aurora  
afoga em seu azul.]

(Verlaine, *La bonne chanson*, V, t. I, p. 125)

*Silence et les mains au dos! L'on ne commence pas à manger avant que la distribution ne soit complète.*

[Silêncio e mãos nas costas! Não se começa a comer antes que a distribuição esteja completa.]

(Léon Frapié, *La Maternelle*, I, p. 29)

*Avant que les négociations de paix ne soient ouvertes officiellement, et tandis que l'on doute encore si l'on ne devra pas rouvrir les hostilités, Victor-Emmanuel, déférant à une invitation de Napoléon III, se rend à Paris, pour visiter l'Exposition universelle où la reine Victoria et le prince Albert l'ont précédé.*

[Antes que as negociações de paz estejam abertas oficialmente, e enquanto ainda não se sabe se não se deverá reabrir as hostilidades, Victor Emmanuel, aceitando um convite de Napoleão III, vai a Paris para visitar a Exposição Universal, onde a rainha Vitória e o príncipe Albert o precederam.]

(M. Paléologue, *Cavour*, in *la Revue des Deux Mondes*, 1<sup>er</sup> novembre 1925, p. 157)

*... J'ai entrevu la mort... Je sais comment elle est et je crois que je ne l'appellerai plus, avant qu'elle ne vienne me chercher.*

[... Entrevi a morte... Sei como ela é e acho que não a chamarei mais antes que ela venha me buscar.]

(M. Dekobra, *La Madone des Sleepings*, p. 299)

*Tout à l'heure encore, avant que tu n'arrives, je m'étais mis à trier quelques lettres.*

[Ainda há pouco, antes de tu chegares, eu tinha começado a selecionar algumas cartas.]

(M. V. S., le 25 mai 1926)

\*

\* \*

É juntamente com o emprego do *discordancial* após *avant que* que se deve colocar seu emprego após *que* ou um pronome relativo incluso em uma frase cujo fato central seja negativo, como em:

*Si j'étais de toi, mon frère, j'irais m'en assurer de mes yeux, et je n'aurais point de repos que je n'aie contemplé une chose si merveilleuse.*

[Se eu fosse tu, meu irmão, iria me assegurar com meus próprios olhos, e não descansaria antes de ter contemplado algo tão maravilhoso.]

(Anatole France, *Thaïs*, p. 270)

ou neste exemplo oral:

*J'espère bien pouvoir être rentré avant que Madame ne soit arrivée.*

[Espero poder ter voltado antes que a Senhora tenha chegado.]

(M.P., le 17 janvier 1927)

pois essas frases equivalem mais ou menos a *je n'aurai pas de repos avant d'avoir contemplé* [não descansarei antes de ter contemplado], *j'espère pouvoir être rentré avant que Madame ne soit arrivé* [espero poder ter voltado antes que a Senhora tenha chegado].

Percebe-se facilmente também a discordância em frases como:

*Il faut bien qu'on sache gré à quelqu'un de se prêter aux goûts différents des sociétés et l'on ne peut pas lui en savoir gré qu'on ne lui en suppose de contraires qu'il sacrifie.*

[É preciso ter reconhecimento por alguém por se prestar aos gostos diferentes das sociedades e não se pode fazê-lo quando se supõe que sacrifica outros.]

(Voisenon, *Histoire de la Félicité*, p. 63)

pois a frase é muito próxima de: *A moins qu'on ne lui en suppose de contraires* [a menos que se suponha ter outros].

\*

\* \*

Demos uma indicação sumária dos principais empregos de *ne* nas orações subordinadas, e o leitor pôde se dar conta de que essa partícula indicava claramente a noção de discordância. Mas não se deve crer que o *discordância* seja, em todos seus empregos, governado mecanicamente por esta ou aquela construção de frase. O que prova que se trata de uma função mental realmente viva e atuante no espírito dos franceses é que *ne* se encontra em todas as circunstâncias semânticas análogas àquelas das construções indicadas, mesmo quando a construção gramatical é diferente. Por exemplo:

A) Em analogia com *à moins que*:

RECORDAR, REPETIR, ELABORAR

*Hormis que le printemps n'arrive bientôt, je ne sais pas ce que nous allons faire.*

[Tirando o fato de que a primavera está chegando, não sei o que vamos fazer.]  
(L. Hémon, *Maria Chapdeleine*, II, p. 37)

*Et N. m'a promis la place, sous la réserve que, fait très improbable, un sien interne ne se trouvât pour la réclamer.*

[E N. me prometeu a vaga, desde que um dos seus, fato muito improvável, não aparecesse para reclamá-la.]

(*Lettre de M.E.P. à M.R.P.*, le 12 juin 1923)

Essa frase, escrita apressadamente, foi percebida durante a releitura.

B) Em analogia com *craindre*:

*Mon unique frayeur est qu'il ne vous punisse.*

[Meu único temor é que ele o castigue.]

(Destouches, *L'Ambitieux et l'Indiscret*, IV, 8, t. III, p. 335)

*À me voir si sage (ou si léger), la peur la prenait que je ne l'aimasse moins.*

[Ao me ver tão sábio (ou tão leviano), assaltou-a o medo de que eu a amasse menos.]

(R. Radiguet, *Le diable au corps*, p. 206)

C) Em analogia com *ne pas douter*:

*Croyez-moy, plus j'y pense et moins je puis douter*

*Que sur vous son courroux ne soit prest d'éclater,*

*Et que Jezabel la fille sanguinaire*

*Ne vienne attaquer Dieu jusqu'en son sanctuaire.*

[Cria-me, quanto mais eu penso, menos duvido

Que sobre vós sua cólera esteja prestes a se abater,

E que Jezabel, a filha sanguinária,

Venha atacar Deus até no seu santuário.]

(Racine, *Athalie*, I, I)

*On ne peut se dissimuler que ce genre d'impertinence n'ait assez de grâce.*

[Não se pode dissimular o fato de que esse tipo de impertinência tem uma certa graça.]

(M<sup>me</sup> de Boigne, *Mémoires*, II, 6, p. 178)

*On ne peut nier qu'à la suite de cette contrainte, l'Empereur ne fût tout à fait gracieux pour elle.*

[Não se pode negar que, em decorrência dessa imposição, o Imperador tenha sido muito gentil com ela.]

(*ibid.*, III, 5, p. 239)

*... non pas certes qu'il mette en doute que le temple ne soit reconstruit, mais il désirerait avoir une garantie solide que cette place, qu'il veut acheter, lui sera vraiment réservée.*

[...por certo, ele não coloca em dúvida o fato de que o templo seja reconstruído, mas desejaria ter uma garantia sólida de que este lugar, que ele quer comprar, lhe estará realmente reservado.]

(Jérôme et Jean Tharaud, *Un Royaume de Dieu*, II, p. 72)

*Il ne faut pas nier qu'il n'y ait un grand intérêt à montrer le rôle des glandes endocrines dans beaucoup de troubles de croissance.*

[Não se deve negar que há um grande interesse em mostrar o papel das glândulas endócrinas em muitos distúrbios do crescimento.]

(M. P. L., le 16 avril 1920)

*Je ne serais pas étonnée que vous n'eussiez raison.*

[Eu não ficaria surpresa se você tivesse razão.]

(M<sup>lle</sup> A. M., le 21 mai 1923)

D) Em analogia com *avant que*:

*Il a le temps, d'ici à ce que tu ne meures !*

[Ele tem tempo até que tu morras!]

(M<sup>me</sup> V. S., le 15 février 1923)

*La veille qu'il ne change, il est arrivé très tard pour mettre ses observations en ordre.*

[Na véspera de mudar, ele chegou bem tarde para pôr suas observações em ordem.]

(M<sup>lle</sup> M. C., le 10 mars 1925)

*Dire que ça c'est là et que ça restera jusqu'à ce que je ne l'emporte !*

[Dizer que isto é aqui e que ficará aqui até que eu leve!]

(M<sup>me</sup> E. M., le 9 septembre 1925)

Após *attendre* e *s'attendre* [esperar, prever], a linguagem atual desenvolve um novo emprego do *discordancial*, que faz a transição entre o emprego após *ne pas douter* e aquele após *avant que*. Por exemplo:

*Mère, ne t'expose pas aux outrages du maître. N'attends pas que t'arrachant à moi, il ne te traîne indignement.*

RECORDAR, REPETIR, ELABORAR

[Mãe, não te exponha aos insultos do senhor. Não espera que, arrancando-te de mim, ele te trate indignamente.]

(A. France, *Thaïs*, p. 83)

*On s'attend d'un moment à l'autre à ce que M. le Marquis ne passe.*

[Prevemos que, de um momento a outro, o marquês vai passar.]

(M. Proust, *À la recherche du Temps perdu*, t. IV, p. 244)

*En attendant que leur maison ne soit construite, ils se sont mis à habiter avec leurs parents.*

[Enquanto esperavam que sua casa fosse construída, foram morar com seus pais.]

(M<sup>me</sup> V. S., le 23 juin 1923)

\*

\* \*

Nossa concepção do *discordancial* levaria a esperar que fosse encontrado nas subordinadas subjuntivas introduzidas por *sans que* [sem que]. Tal emprego não é clássico. Os autores que se conformam à norma escrevem geralmente sem *discordancial*:

*Il ne scait que par ouïr dire*

*Ce que c'est que la cour, la mer, et ton empire,*

*Fortune, qui nous fais passer devant les yeux*

*Des dignitez, des biens, que jusqu'au bout du monde*

*On suit sans que l'effet aux promesses **réponde**.*

[Ele não sabe senão por ouvir dizer

O que é a corte, o mar, e teu império,

Fortuna, que faz passar diante de teus olhos

Títulos, bens, que até o fim do mundo

Seguimos sem que o efeito responda às promessas.]

(La Fontaine, *Fables choisies*, VII, 11, L'Homme qui court après la Fortune et l'Homme qui l'attend dans son lit)

*Comment ! J'entendrais dans la rue*

*Dans l'air, aux volets des maisons,*

*Fourmiller la tendre saison*

*Sans qu'elle **soit** pour moi venue.*

[Como! Eu ouviria na rua

No ar, nas venezianas das casas,

Formigar a suave estação

Sem que tenha chegado para mim.]

(Comtesse de Noailles, *Les Forces Éternelles*, Le ciel est d'un blanc, p. 121)

*Celles-là, il ne peut pas les porter une fois sans qu'elles soient toutes déchirées.*

[Aqueles ali, ele não consegue carregá-las uma vez sem que fiquem todas rasgadas.]

(M<sup>me</sup> J., le 22 septembre 1925)

Mas há um número bem grande de exemplos em que se encontra o *discordancial*, conforme nossa expectativa, após *sans que*. Citaremos apenas alguns.

*Les cris de toute une armée ne se peuvent pas représenter sans que l'on n'en soit ému.*

[Os brados de todo um exército não se podem conceber sem que se fique emocionado.]

(M<sup>me</sup> de Sévigné, *Lettre du 23 Août 1675*)

*... on ne peut pas néanmoins les restreindre à une seule cour, ni les renfermer en un seul pays, sans que mon livre ne perde beaucoup de son étendue et de son utilité, ne s'écarte du plan que je me suis fait..*

[... contudo, não se pode restringi-los a uma única corte, nem limitá-los a um único país, sem que meu livro perca muito de seu alcance e de sua utilidade, e se afaste do plano que tracei...]

(La Bruyère, *Les Caractères ou les Mœurs de ce siècle*, t. I, 129)

*... cela n'arriverait point sans combat et sans qu'on ne vit avec quelle peine et quels scrupules il se laissait aller.*

[... isso não aconteceria sem luta e sem que se visse com que dificuldade e escrúpulos ele se deixava levar.]

(Saint-Simon, *Mémoires*, t. VII, chap. XXVIII, p. 360)

*... les autres noirs, qu'on ne saurait regarder prenant leur repas sans qu'ils ne se croient tenus à vous en offrir une part.*

[... os outros negros, que não se podia olhar fazendo sua refeição sem que se achassem obrigados a oferecer uma parte.]

(P. Mille, *L'illustre Partouneau*, p. 193)

*Ainsi, grâce à la mobilité du seuil, les débits pourront varier énormément sans que la glycémie ne se modifie.*

[Assim, graças à mobilidade do limite, os fluxos poderão variar enormemente sem que a glicemia se modifique.]

(L. Ambard, *Physiologie normale et pathologique des Reins*, p. 109)

\*  
\* \*

A segunda partícula da negação francesa, constituída por palavras como *rien, jamais, aucun, personne, plus, guère* [nada, jamais, nunca, nenhum, ninguém, mais, quase não], etc.,<sup>5</sup> aplica-se aos fatos que o locutor não considera parte da realidade. Esses fatos são, de certo modo, forcluídos. Por isso, damos a essa segunda partícula o nome de *forclusivo*.

Os empregos do *forclusivo* são de quatro tipos:

1º Os empregos com *ne* para constituir uma negação comum. Por exemplo:

*Je n'ai jamais vu, en effet, un homme tomber de sommeil comme ce brave type.*

[De fato, nunca vi alguém cair de sono como esse sujeito.]

(Léon Daudet, *La mystérieuse semaine*, in *l'Action française* du 12 septembre 1927, p. 1, col. 2)

*Je ne lui dirai rien, tu seras là, mon père.*

[Eu não lhe direi nada, tu estarás aqui, meu pai.]

(Victor Hugo, *Hernani*, III, 7)

**Personne**, *jusque-là, n'avait vu M. des Lourdines se mettre en colère.*

[Ninguém, até então, vira o Sr. des Lourdines enraivecer.]

(A. de Chateaubriant, *Monsieur des Lourdines*, I, 2, p. 26)

2º Os empregos com um valor de “negação plena” junto a um substantivo, um adjetivo ou um advérbio sem verbo.

3º Os empregos afirmativos ditos puros, de um tipo arcaico.

4º Os empregos nos quais aparece a nuance especial de forclusão que é característica desse tipo de item gramatical polissêmico<sup>6</sup>. Estes últimos são aqueles sobre os quais nossa atenção deve ser atraída, pois nos dão a chave da natureza psicolingüística dos itens *forclusivos* na língua francesa de hoje.

\*  
\* \*

<sup>5</sup> *Pas* pertence a esse grupo, mas como possui poderes particulares de sobrenegação (por ex., *ça n'est pas rien* [isso não é pouca coisa], *je ne fais pas que de la peinture* [não faço só pintura]), não o tomamos como típico nesta breve exposição.

<sup>6</sup> Em francês, o termo é *strument*; cunhado pelos autores, foi retomado posteriormente por alguns lingüistas franceses que estudam sua obra. (Nota de trad.).

Quando o fato subordinado depende de um fato frasal central plenamente negado, encontram-se frases como:

*Je ne veux point qu'il me dise rien.*

[Não quero que ele me diga nada.]

(Molière, *Le Bourgeois gentilhomme*, V. 6)

*M. Brooke n'est pas de ceux qui se plaignent jamais.*

[O Sr. Brooke não é daqueles que se queixam.]

(P.-J. Stahl, *Les quatre filles du docteur Marsch*, XIII, p. 200)

*LUI, attristé. – Que vas-tu chercher ?*

*ELLE. – Ce n'est pas moi qui vais chercher rien.*

[Ele, entristecido. – O que vais procurar?

Ela. – Não sou eu que vou procurar algo.]

(Paul Raynal, *Le Tombeau sous l'Arc de Triomphe*, II)

*Il n'est pas probable que j'opère jamais plus.*

[Não é provável que eu opere algum dia novamente.]

(Paul Bourget, *Le sens de la mort*, p. 132)

*Que je n'apprenne pas qu'on a rien volé chez l'habitant, ni bétail, ni volaille, ni fourrage.*

[Que eu não fique sabendo que algo foi roubado do morador, nem gado, nem aves, nem forragem.]

(J. et J. Tharaud, *Un Royaume de Dieu*, X, p. 221)

Percebe-se facilmente que as idéias relacionadas a *jamais*, *rien* são como que expulsas do campo das possibilidades percebidas pelo sujeito falante. A Sra. Jourdain recusa-se a considerar a possibilidade de Covielle lhe dizer algo porque ele lhe desagrada: em suma, ela escotomiza sua possibilidade. – As queixas do Sr. Brooke não pertencem à realidade concebida pelo personagem que fala: ele não se queixa nunca. – Ir atrás de complicações é um fato que Ela nega lhe dizer respeito. – Uma operação posterior do cirurgião está forcluída do mundo provável tal como esse cirurgião percebe, pois acredita que não operará nunca mais. – Enfim, roubar o morador é um fato que o oficial já considera inconcebível, visto que ele o proibiu.

\*

\* \*

Esses empregos em oração subordinada que depende de um fato central negativo levam naturalmente ao emprego do forclusivo em subordinadas que dependem de um verbo, ou de um substantivo, ou de um adjetivo, cujo

semantismo acarreta a mesma forclusão que a negação acima. Por exemplo:

A) Depois de verbos:

*Je défiois ses yeux de me trouble **jamais**.*

[Eu desafiava seus olhos a me perturbarem um dia.]

(Racine, *Andromaque*, I, 1)

*Argine, il me défend de lui parler **jamais**.*

[Argine, ele me proíbe de lhe falar um dia.]

(Id., *Iphigénie*, V, 1)

*Je préviendrai la honte*

*De descendre **jamais** des grandeurs où je monte.*

[Impedirei a vergonha

De um dia descer das alturas para onde vou.]

(Destouches, *L'Ambitieux et l'Indiscret*, I, 7)

*Après dix-huit mois de soins, elle en reste encore ébranlée, au point que nous devons peut-être renoncer à l'espoir de **jamais** avoir d'enfant.*

[Após dezoito meses de tratamento, ela ainda continua abalada, a ponto de talvez renunciarmos à esperança de um dia termos filhos.]

(Roger Martin du Gard, *Jean Barois*, I, 1, 87)

*Prosper de Boisclous demeurerait pour moi une énigme que je désespérais de **jamais** résoudre.*

[Prosper de Boisclous permanecia, para mim, um enigma que eu perdia a esperança de um dia resolver.]

(H. de Régnier, *Le divertissement provincial*, III, p. 302)

*M. d'Escampette, courtois et amoureux, se garda de **rien** objecter.*

[O Sr. D'Escampette, cortês e apaixonado, absteve-se de objetar algo.]

(H. Falk, *Belpégor*, Les Histoires drôles, nº22, p. 15)

Seria muito interessante confrontar os empregos do *discordancial* e os do *forclusivo* depois dos diferentes verbos, mas esse estudo ultrapassaria os limites desta exposição sumária.

Depois dos verbos *défier*, *défendre*, *prévenir*, *renoncer*, *désespérer* e *garder* [desafiar, proibir/defender, prevenir, renunciar, desesperar, abster-se], o *forclusivo*, cujos exemplos acabamos de ver, exclui o fato subordinado das possibilidades futuras, mas a língua tem uma construção mais ousada ainda e particularmente interessante do ponto de vista psicológico: depois do verbo *se repentir* [arrepender-se], é do passado que um fato que realmente existiu é afetivamente excluído. Por exemplo:

« *L'affaire Dreyfus, dit-il, c'est pour moi un livre qui est désormais clos* ». *Il dut se repentir jusqu'à sa dernière heure de l'avoir jamais ouvert.*

[“O caso Dreyfus, ele disse, para mim é um livro agora fechado”. Ele deve ter se arrependido até seu último suspiro de um dia tê-lo aberto.]

(J. Marsillac, *Esterhazy est mort*, in *Le Journal du 18 août 1923*, p. 1, col. 2)

Para aquele que sabe decifrar suas imagens, a linguagem é um maravilhoso espelho das profundezas do inconsciente. O arrependimento é o desejo de que uma coisa passada, portanto irreparável, jamais tenha existido; a língua francesa, pelo *forclusivo*, exprime esse desejo de escotomização, traduzindo assim o fenômeno normal do qual a escotomização, descrita em patologia mental por M. Laforget e por um de nós<sup>6</sup>, é o exagero patológico.

B) Depois de substantivos.

*Et cependant, la supposition... que ces gens dont les regards inconnus me frappaient... pourraient jamais transpénétrer entre leurs parcelles ineffables l'idée de mon existence... cette supposition me paraissait renfermer en elle une contradiction.*

[E, no entanto, a suposição... de que essas pessoas cujos olhares desconhecidos me atingiam... poderiam um dia transpassar entre suas parcelas inefáveis a idéia de minha existência... essa suposição me parecia encerrar uma contradição.]

(M. Proust, *À la recherche du Temps perdu*, t. II, p. 312)

*Certes, si elle avait les goûts que je lui avais crus, cet empêchement de jamais les satisfaire devait être aussi incitant pour elle qu'il était calmant pour moi.*

É verdade que, se ela tivesse os gostos que eu acreditava que tinha, esse impedimento de um dia satisfazê-los devia ser tão incitante para ela quanto era calmante para mim.]

(M. Proust, *À la recherche du Temps perdu*, t. II, p. 312)

*Vouloir être seul dans un compartiment, c'est signe d'égoïsme, d'orgueil, et d'inaptitude à s'amuser de rien.*

[Querer ser o único em um compartimento é sinal de egoísmo, de orgulho e de inaptidão para se divertir com pouco.]

(Jules Renard, *L'Œil clair*, *Agréments de voyage*)

*Nous avons encore la peur ou du moins le sentiment de l'obus.*

<sup>6</sup> E. Pichon e R. Laforget, *La notion de Schizonoïa*, in *Le Rêve et la Psychanalyse*, p. 207 e 208.

*Et cette indifférence à rien d'autre.*

[Ainda temos medo ou, pelo menos, o sentimento do obus.

E essa indiferença ao que quer que seja.]

(Jean Paulhan, *Le guerrier appliqué*, I, p. 55)

C) Depois de adjetivos.

*... tout aurait trahi ces habitudes régimentaires qu'il est impossible au soldat de jamais dépouiller, même après être rentré dans la vie domestique.*

[... tudo teria traído estes hábitos regimentares dos quais o soldado não consegue se despojar um dia, mesmo após ter voltado para a vida paisana.]

(H. de Balzac, *Le médecin de campagne*, I, t. XIII, p. 307)

*Je suis très contrariée que vous ayez jamais entendu parler d'elle.*

[Estou muito contrariada que você tenha ouvido um dia falar dela.]

(Stahl et Lhermont, *Jack et Jane*, VIII, in *Le Magasin d'Éducation et de Récréation*, 1882, 1<sup>er</sup> semestre, p. 209)

*... car c'était un de ces hommes qui sont constitutionnellement incapables de rien faire sans donner le maximum de leur force.*

[... pois era um desses homens que são constitucionalmente incapazes de fazer algo sem dar o máximo de sua força.]

(L. Hémon, *Maria Chapdelaine*, IV, p. 57)

É juntamente com os empregos que dependem de um fato central negativo que se deve colocar aqueles em que o *forclusivo* está em subordinada dentro de um conjunto frasal com *sans* [sem]. Por exemplo:

*... signalant simplement la situation, sans donner d'interprétations qui pussent tendre à rien envenimer.*

[... indicando simplesmente a situação, sem dar interpretações que pudessem tender a envenenar algo.]

(*Lettre de M. H.C. à M.E.P.*, le 20 août 1924)

\*

\* \*

Caso se tenha compreendido o que pensamos da função mental do *forclusivo*, não será surpresa vê-lo em interrogações ou em subordinadas relacionadas a elas. Por exemplo:

A) Na interrogação direta:

*Sans doute elle n'avait pas ressenti l'ivresse rêvée. Mais l'éprouve-t-on jamais?*

[Provavelmente, ela não sentira a embriaguez sonhada, mas será que pode ser sentida um dia?]

(A. France, *Le Lys rouge*, p. 29)

*Stéphane Mallarmé est mort. – Notre cœur est rempli de tristesse. Comment parlerais-je aujourd'hui de rien d'autre ?*

[Stéphane Mallarmé morreu. – Nosso coração está cheio de tristeza. Como eu poderia falar de outra coisa hoje?]

(A. Gide, *Prétextes*, In memoriam, p. 251)

B) Na interrogação indireta:

*Demande aux hôtes de ces bois*

*Si la guide la plus fidèle*

*N'est pas la pente naturelle,*

*Plus sage que toutes les lois ;*

*Et si jamais dans leurs tanières*

*Ils eurent la démangeaison*

*De venir chercher tes lumières,*

*Ou t'emprunter de la raison.*

[Pergunte aos anfitriões desses bosques

Se a guia mais fiel

Não é a encosta natural,

Mais sábia que todas as leis;

E se em seus refúgios,

Eles tiveram o desejo

De procurar tuas luzes

Ou emprestar tua razão.]

(Chaulieu, *Ode contre l'Esprit*, in *Poésie*, p. 31)

*Platon verra, lui, si j'invente,*

*Si je dis rien d'exagéré...*

[Platão verá se estou inventando,

Se estou dizendo algo exagerado...]

(G. Nouveau, *Valentines*, avant-propos, p. 32)

C) Em oração subordinada com uma principal interrogativa.

*Tu crois que cela s'est atténué jamais?*

■ ENTREVISTA

[Achas que isso se atenuou um dia?]  
(M<sup>me</sup> F. P., le 1<sup>er</sup> janvier 1913)

A forclusão pode ser percebida em todos esses exemplos. Thérèse pensa que sentir a embriaguez sonhada está fora das possibilidades deste mundo. – Falar de outra coisa além da morte de Mallarmé é impossível a M.A. Gide no momento em que escreve. – Está excluído que os anfitriões dos bosques tenham o desejo de vir buscar a razão do homem. – Platão pode ver que o exagero é estranho à afirmação de Germain Nouveau. – Enfim, a Sra. F.P. acredita que o fenômeno de que ela fala sempre foi igualmente forte.

\*  
\* \*

O *forclusivo* se encontra também nas orações condicionais, quando apresentadas como improváveis. Por exemplo:

*Que mes yeux changent d'orbites si je donne **jamais** mon consentement.*

[Que meus olhos mudem de órbita se eu der um dia meu consentimento.]

(Gami, *Le Fils de Roméo*, Les Histoires Drôles, nº4, p. 21)

*On jeûnerait tout le temps si ça servait **jamais**.*

[Jejuaríamos todo o tempo se isso servisse algum dia.]

(Ch. Péguy, *Le mystère de la charité de Jeanne d'Arc*, p. 26)

*Les dieux l'ont retiré des mortelles alarmes,*

*Et, si **rien** à présent peut troubler son bonheur,*

*C'est de te voir pour lui répandre tant de larmes.*

[Os deuses tiraram-no dos alertas mortais,

E, se algo agora pode perturbar sua felicidade,

É te ver derramar tantas lágrimas por ele.]

(Racan, *Stances, Consolation à Monseigneur de Bellegarde*, t. I, p. 200)

É encontrado após os comparativos e os superlativos. Por exemplo:

*...Elle s'étoit trouvée impuissante et ces deux seigneurs, peu à peu revenus, eux et leurs femmes mieux et plus familièrement que **jamais**, auprès du roi.*

[... Ela ficara impotente, e esses dois senhores pouco a pouco se reaproximaram do rei, eles e suas mulheres, com mais familiaridade e melhor do que nunca.]

(Saint-Simon, *Mémoires*, t. II, chap. XXVII, p. 328)

*La France offre au monde le plus magnifique exemple de forces morales et de vertus civiques qu'un peuple ait **jamais** donné.*

[A França oferece ao mundo o mais magnífico exemplo de forças morais e virtudes cívicas que um povo um dia deu.]

(Georges Leygues, *Déclaration ministérielle*, 25 septembre 1920, dans *Le Journal*)

Entre o rei e os dois senhores de que fala Saint-Simon, está excluído da realidade um estado de familiaridade que atinge em outro momento o grau que tinha na época de que fala a frase. – Do mesmo modo, um povo oferecendo ao mundo um exemplo mais magnífico de forças morais e de virtudes do que a França é algo que M. Georges Leygues desconhece.

Quando se encontra o *forclusivo* após um comparativo de igualdade, como no exemplo seguinte:

*Je vous aime et vous estime autant que **jamais** j'ai fait.*

[Eu o amo e o estimo mais do que jamais amei.]

(M<sup>lle</sup> Marie-Madeleine de la Vergne, mais tarde M<sup>me</sup> de Lafayette, apud Émile Magne, *M<sup>me</sup> de Lafayette en ménage*, II, p. 93)

o *forclusivo* é, na realidade, a correção de uma afirmação matemática absoluta demais. A senhorita de la Vergne quer que seu interlocutor compreenda que, embora sempre o tenha amado da mesma forma, há uma diferença em sua afeição, em proveito do momento atual.

O *forclusivo* se encontra após *trop* [demais]. Por exemplo:

*Et vous étiez trop angoissée, trop faible, trop désespérée, pour pouvoir **jamais** plus réfléchir autre chose qu'angoisse, faiblesse et désespoir.*

[E você estava angustiada demais, fraca demais, desesperada demais, para poder refletir algo além da angústia, da fraqueza e do desespero.]

(G. Duhamel, *Vie des Martyrs*, Carré et Lerondeau, p. 35)

*Ceux-là se trouvaient trop compromis pour avoir **rien** à ménager.*

[Aqueles estavam comprometidos demais para pouparem algo.]

(M<sup>me</sup> de Boigne, *Mémoires*, V., 2, p. 18)

Poder agora refletir algo além da angústia, da fragilidade e do desespero, é preciso renunciar a isso. – Poupar algo quando já se está tão comprometido seria loucura.

Do mesmo modo, na subordinada introduzida por *sans que* [sem que]:

*Et pourtant l'inextinguible flamme brûlait au-dedans d'elle sans que plus rien la nourrit.*

[E, no entanto, a inextinguível chama brilhava em seu interior sem que nada mais a nutrisse.]

(F. Mauriac, *Le désert de l'Amour*, IX, p. 186)

\*  
\* \*

Agora indicamos mais ou menos sumariamente os principais empregos do *forclusivo* nos casos em que ele não é nem plenamente negativo, nem plenamente afirmativo, nem associado a *ne*; mas não se deve acreditar que o *forclusivo* é, em todos seus empregos, governado mecanicamente por esta ou aquela construção frasal. O que prova que se trata de uma função mental realmente viva e atuante no espírito dos franceses é que ele se encontra também em circunstâncias semânticas análogas àquelas das construções indicadas, mesmo quando a construção gramatical é diferente. Por exemplo:

A) Em analogia com o emprego após comparativo.

*C'est ce qu'on a jamais écrit de plus touchant.*

[É o que de mais tocante já se escreveu.]

(M. Proust, *À la recherche du Temps perdu*, t. VI, vol. 2, p. 103)

*... et le poil de mon ventre passe en beauté tout ce qui s'est vu jamais.*

[e o pêlo do meu ventre é mais belo do que tudo que já se viu.]

(Colette, *Dialogues de Bêtes*, Le premier feu)

B) Em analogia com o emprego após superlativo.

*C'est-à-dire qu'il porte en lui –, rien qu'en lui –, la petite part de bonheur qu'il puisse jamais atteindre.*

[Quer dizer que ele carrega em si – apenas em si – a pequena parcela de felicidade que pode jamais alcançar.]

(René Boylesve, *Tu n'es plus rien*, p. 173)

*Il avait engagé celle-là (une automobile) dans un chemin que seules les charrettes à bœufs des indigènes de France ont jamais fréquenté...*

[Ele tinha se embrenhado com ele (um automóvel) em um caminho que só as carretas de boi dos nativos da França trilharam...]

(Pierre Mille, *L'illustre Partouneau*, p. 68)

C) Em analogia com o emprego após *si* [se].

*Et tu sais bien, Louis-Antoine, que c'est toi, toi et pas un autre, qui sera jamais mon mari.*]

[E tu sabes bem, Louis-Antoine, que és tu, tu e não um outro, que será um dia meu marido.]

(Maurice Maindron, *L'Incomparable Florimond*, I, p. 29)

Isto que dizer, mais ou menos, *si j'ai jamais un mari, ce sera toi* [se um dia eu tiver um marido, será tu...].

\*

\* \*

Em suma, tudo indica que a língua francesa constituiu para si duas ferramentas psicológicas mais acuradas que a antiga ferramenta latina de negação: uma delas, o *discordancia*, que marca uma inadequação do fato de que suspeita com o meio; a outra, o *forclusivo*, que indica que o fato abarcado está excluído do mundo aceito pelo locutor.

Os fenômenos expressos pelos verbos não serão negados – pelo menos tanto quanto a língua francesa é capaz de negá-los – senão pela convergência da noção de discordância e daquela de forclusão. Por exemplo:

*Je n'en finirai jamais.*

[Não acabarei nunca com isso.]

(Alfred Jarry, *Ubu roi*, III, 8)

*En finir* [acabar com algo] não pertence à realidade temporal que percebo, e, por outro lado, isso estaria em discordância com essa realidade. Não percebo nenhum sinal que permita prognosticar que eu acabe com isso (*forclusivo*). Bem mais, o fato de eu acabar com isso estaria em discordância com todo o ambiente no qual estou banhado (*discordancia*). A primeira condição já é grosseiramente uma negação; é o que explica que o coloquial possa, a rigor, dizer: *Je n'en finirai jamais*, mas, na realidade, essa forclusão do fato não basta para finalizar a negação. Para negar bem, é preciso não apenas que eu afirme que o fato não aparece em meu campo de conhecimento (forclusão), mas também, por meio de uma espécie de contra-prova, que eu o perceba como incompatível com todos os fatos que estão nesse campo (discordância). A língua francesa consegue, então, negar um fato expresso por um verbo, mas somente por uma espécie de desvio, e o que a negação ganha assim em fineza, talvez perca em força.

Seja como for, a noção bruta de negação é com frequência imprecisa demais para se curvar às nuances do pensamento. Mesmo sob a forma delicada-

da que lhe dá em francês a convergência das noções de forclusão e de discordância, ela ainda é rígida demais: mas a língua remedia isso, pois, como vimos anteriormente, a ausência de *ne* na oração subordinada corrige geralmente a insuficiente precisão e a excessiva rigidez da negação principal.

\*  
\* \*

Um dos pontos sobre os quais mais chamamos a atenção do leitor é a independência que conquistaram, uma em relação à outra, a forclusão e a discordância. Acabamos de vê-las se conjugando uma à outra numa mesma oração para compor uma negação. Mas também podemos encontrá-las uma ao lado da outra sem que resulte uma idéia negativa. Por exemplo:

*Et la discipline y régnait, impérieuse autant et plus qu'elle n'avait jamais fait dans aucune armée du roi de Prusse.*

[E a disciplina lá reinava, tão e mais imperiosa quanto jamais o fora em nenhum exército do rei da Prússia.]

(Claude Farrère, *Les condamnés à mort*, I, 3, p. 13)

Nesse tipo de frase, o *forclusivo* abarca o fato subordinado sozinho, mas o *discordancial* marca a discordância desse fato não com a realidade geral, mas com o fato principal. De modo que o fato subordinado não é negado, ou, se for negado, o é apenas condicionalmente, pois a disciplina reinou imperiosamente nos exércitos do rei da Prússia, mas nunca reinou nesses exércitos tão imperiosamente quanto reinava nas organizações americanas de que fala Claude Farrère.

\*  
\* \*

A maneira como vimos se unirem o *forclusivo* e o *discordancial* formando uma negação nos permite compreender agora o papel de *ne* na locução *ne... que*. O trecho da frase introduzido por *que* desempenha formalmente junto a *ne* um papel análogo àquele desempenhado há pouco pelo *forclusivo*, mas o que ele expressa representa precisamente a única coisa com a qual o fato abarcado por *ne* não está em discordância;

*N'ayez donc pas peur, méchants que vous êtes !*

*Je n'aime que vous, je ne suis qu'à vous.*

[Não tenham medo, portanto, maldosos que são!

Não amo senão vocês, não pertenço senão a vocês!]

(Paul G eraldy, *Toi et moi*, VIII, p. 42)

Voc e   o único objeto que não está em discordância com meu amor, o único objeto que lhe convém.   *vous*   a única situa o que não está em discordância com meu ser. Esse *que* não   *forclusivo*, mas *uniceptivo*<sup>\*</sup>.

\*  
\* \* \*

Em nossa interpreta o dos fatos ling sticos franceses, poder-se-ia objetar que, junto aos adjetivos e substantivos, o *forclusivo* serve geralmente, e no melhor uso, para representar sozinho a nega o. Por exemplo:

*Les hiboux*

*Partageaient la clart  et pesaient sur la terre*

*Comme les pas jamais lass s d'un solitaire*

*Plus p le que nature et dormant tout debout.*

[Os mochos

partilhavam a claridade e pesavam sobre a terra  
como os passos nunca cansados de um solitário  
mais pálido que natureza e dormindo de p .]

(Paul Eluard, *Denise disait aux merveilles*, dans *Littérature*, 15 octobre 1923, p. 33)

Do mesmo modo, sem a presença de um verbo:

*... l'on considérait les apothicaires comme des gens au-dessous de rien.*

[... consideravam-se os botic rios pessoas sem nenhum valor...].

(G. Droz, *Une femme gênante*, III, p. 64)

*Ils disent : « Nous avons servi notre modèle*

*Qui nous avait prescrit de mourir pour le bien,*

*De servir une cause, et lui rester fidèle,*

*Et de considérer le reste comme rien. »*

[Eles dizem: "Servimos nosso modelo

Que nos prescrevera morrer pelo bem,

Servir uma causa, e lhe permanecer fiel,

E considerar o resto como nada."]

<sup>\*</sup> *Uniceptif*, em francês, termo cunhado por Damourette & Pichon, refere-se   partícula da nega o que marca a restri o "ne...que" (Nota de trad.)

(Montesquiou, *Les Offrandes blessées*, CXXIII)

*Le charme est profond d'abord qui nous vient de la première imagination d'un amour de jamais ou de demain.*

[É profundo o charme da primeira imaginação de um amor eterno ou de amanhã.]

(J. de Tinan, *Penses-tu réussir !* VIII, p. 230)

Porém, levantar essa objeção seria ter *a priori* a idéia teórica da negação. Na realidade, a noção expressa aqui é puramente a noção forclusiva. Indicamos antes que ela era grosseiramente bastante próxima do que se chama comumente de negação. Ainda por cima, a noção de discordância, que não se aplica senão a fenômenos, não tem nada a ver aqui. Um amor eterno é um amor situado em um tempo estranho ao campo de conhecimento do sujeito falante. Pessoas sem nenhum valor são pessoas que, afetivamente, são menos consideradas ainda que algo bastante ínfimo por já ser estranho ao campo de conhecimento do sujeito falante.

O que nos ensina, então, a análise imparcial e objetiva das frases francesas quanto à negação? O seguinte: a negação, tal como concebida comumente do ponto de vista racional e como nossos hábitos escolares e até escolásticos nos legaram, é mais ou menos estranha às concepções vivas tecidas em linguagem pelo pensamento dos franceses. Se quiséssemos encontrar essa negação clássica em francês, ela seria expressa apenas pelo vocábulo *non*. Mas, construindo sozinho uma frase, ele não é senão a representação intelectual abreviada de uma frase antecedente. Por exemplo:

MÉDARD. – *Et savez-vous qui est-ce qui prêtait à la petite semaine ?*

LA ROUSSOTTE. – *Non.*

[MÉDARD. - E você sabe quem emprestava por semana?]

LA ROUSSOTTE. - Não.]

(Meilhac et Halévy, *La Roussotte*, I, 11)

- *Quand te verrai-je ? Tu ne vas pas rester à Paris ?*

- *Non.*

[- Quando te verei? Não vais ficar em Paris?]

- Não.]

(Rémy de Gourmont, *Un cœur virginal*, XI, p. 164)

quer dizer: *Não vou ficar em Paris.*

Quanto aos empregos de *non* junto a um adjetivo do tipo:

*Les prêtres non assermentés seront punis du bannissement.*

[Os sacerdotes não juramentados serão punidos com o banimento.]

(Malet du Pan, *apud* Taine, *Les origines de la France contemporaine*, La Révolution, I, II, I, t. III. P. 288)

eles estão evidentemente recuando na linguagem de nossos dias diante de *pas, jamais*, assinalados acima (ver exemplo de Paul Eluard).

Restam os exemplos em que *non* desempenha o papel de um prefixo: o *non-être* [não-ser], *non-moi* [não-eu], etc. Por exemplo:

*Mais il n'y a aucune raison péremptoire pour admettre la non-contemporanéité des deux infections.*

[Mas não há nenhuma razão peremptória para admitir a não-contemporaneidade das duas infecções.]

(E. Dupré et P. Ribierre, *Maladies du péritoine*, dans le *Traité de Médecine*, Gilbert-Thoinot, t. XVIII, p. 181)

Mas se sente, neste caso, que *non* não tem na frase um papel construtivo, gramatical, mas um papel análogo àquele que poderia ter qualquer outra palavra.

\*

\* \*

Parece-nos claro, portanto, que a noção de negação está, na realidade, ausente do pensamento-linguagem dos franceses de hoje em dia, mas essa constatação de um desacordo entre a lógica lingüística e a lógica racional escolar teria um interesse apenas medíocre se não nos revelasse a existência em francês de duas noções vivas, acuradas, cheias de afeto, que saturam e ultrapassam o domínio da negação: a discordância e a forclusão.

Ficaremos satisfeitos se, apenas com o exemplo da negação, tivermos convencido o leitor do grande interesse psicológico oferecido pelo estudo dos fatos de linguagem.

**ENTREVISTA**

## A INFÂNCIA EM TRANSFERÊNCIA

Silvia Fendrik

*Silvia Fendrik, psicanalista argentina, tem publicado, desde 1976, inúmeros artigos e livros sobre psicanálise de crianças. Suas contribuições, dedicadas especialmente à história da psicanálise de crianças, foram apresentadas no livro *Ficção das origens*, publicado no Brasil pela Artes Médicas. Livro bastante conhecido entre nós, trata com precisão histórica e rigor psicanalítico dos primórdios da psicanálise com crianças.*

*A autora seguiu trabalhando o tema, lançando em 2005, pela Ed. Letra Viva, de Buenos Aires, o livro *Psicoanalistas de ninõs - la verdadera historia*, em que traz as contribuições dos principais psicanalistas de crianças, em volumes separados. Publicou também *Viagem ao país do Nunca-comer - história ilustrada da anorexia*, tema ao qual vem se dedicando nos últimos anos.*

*Silvia Fendrik esteve na APPOA nos dias 25 e 26 de abril de 2006, trabalhando conosco a respeito de alguns temas, como seus estudos mais recentes sobre os manuais DSM e aspectos teórico-clínicos de seu longo percurso pela história da psicanálise de crianças. Por sua importância na psicanálise contemporânea e no resgate da história da psicanálise, especialmente na clínica com crianças, é nossa convidada para esta entrevista.*

REVISTA – Lacan inicia seu trabalho como psicanalista investigando, fundamentalmente, o campo das psicoses. Esse é um terreno que, em geral, tem lugar privilegiado junto aos analistas de orientação lacaniana. Já o campo da psicanálise de crianças nunca foi abordado de forma direta por Lacan. E, ainda, aquelas que são consideradas suas fundadoras (Anna Freud e Melanie Klein) sempre foram alvo de importantes críticas por parte dele. Que conseqüências transferenciais esses fatos históricos colocam para o desdobramento da psicanálise de crianças junto aos analistas de orientação lacaniana?

SILVIA FENDRIK – Contudo, não é assim. Lacan<sup>1</sup> desde o Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-54), com o qual inaugura seu ensino na SFP (Sociedade Francesa de Psicanálise), que fundou junto a Françoise Dolto (e Daniel Lagache), leva muito em consideração os depoimentos clínicos dos psicanalistas de crianças, começando pelo *Caso Dick*, de Melanie Klein, e seguindo pelo *Le loup, le loup!*, caso de Rosine Lefort, que ele supervisionava. Quando Lacan começa questionar abertamente o *establishment* da IPA, interessa-se pelos depoimentos dos analistas de crianças. E ele tem razões para fazê-lo. Quem, mais do que eles, mostra os impasses da cura-típo? O fato de que Lacan não tenha recebido pacientes-crianças não quer dizer que não lhe interessassem – e muito – os depoimentos dos analistas que apostam na criança como sujeito, inclusive em casos muito graves, como Dick ou Robert (*le loup*, de Rosine Lefort). Para além de que, concordasse ou não “em teoria”, com Melanie Klein ou com Françoise Dolto, ele as considerava grandes clínicas, grandes “desentranhadoras”, e a Dolto não só lhe encaminhava pacientes-crianças, senão também os adultos que ele sentia que era incapaz de levar adiante. Há, também, o fato dele ter retomado algumas confusas teorizações de Dolto sobre a “imagem inconsciente” do corpo em seu próprio ensino, - o não-especularizável que leva Lacan ao objeto “a”, inclusive alguns desenhos de crianças onde está prefigurado o “toro” – ou o discurso de encerramento das Jornadas de Psicose Infantil, organizadas por Maud Mannoni, seu apoio incondicional à Escola Experimental de Bonneuil, etc. Poderia seguir dando uma infinidade de provas que mostram inequivocamente o interesse de Lacan pelo que fazem os analistas que tratam crianças. Sem dúvida, ignorar isso tem conseqüências no campo lacaniano, no qual a diferença do que ocorria quando Lacan vivia, os analistas “de gente grande” não costumam escutar os que atendem crianças, seja porque os consideram “especialistas”, seja porque não acreditam que possam trazer algo que eles não saibam “em teoria”. Totalmente o contrário de Lacan.

<sup>1</sup> LACAN, Jacques. O seminário – Livro 1 – Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.


REVISTA – Quando começa a transferência em psicanálise de crianças? Pensando tanto o momento da constituição subjetiva no qual a criança tem condições de produzi-la e sustentá-la, mas também o que, desde a posição de analista, nos permite afirmar que uma criança está em transferência?

SILVIA FENDRIK – Para responder a essa pergunta, é muito útil lembrar a diferença entre “transferência imaginária” e “transferência simbólica”. Transferência imaginária, como transferência-deslocamento de afetos, amor-ódio, simpatia-antipatia-empatia, e transferência simbólica como instauração do sujeito-suposto-saber. É a clássica discussão entre Melanie Klein, que dizia que havia transferência de início, e Anna Freud, que dizia que havia que criar na criança uma “demanda” de análise, para que o analista não fosse só mais uma figura de adulto no universo da criança, um prolongamento dos seus pais ou dos seus professores. Isso deu lugar a um grande mal-entendido, que levou a injuriar Anna Freud como alguém que, à diferença de Melanie Klein, não havia entendido o que era a transferência. Pelo contrário, ela pretendia criar um dispositivo ? por isso falava de entrevistas preliminares ou “preparação” ? para que a criança pudesse “saber” que se tratava de uma análise e decidir se queria ou não recorrer a um analista para fazer algo com seu sintoma, em lugar de seguir sofrendo ou fazendo sofrer seus pais. Mas, ao contrário de Melanie Klein, respeitava aquelas crianças que preferiam seguir como estavam.

O que nos permite afirmar que uma criança está em transferência? Para além da queixa ou da angústia dos pais, que a levam ao analista para que este a cure, “suprimindo” os sintomas, ou corrigindo o “mau comportamento”, é possível dizer que está em transferência alguém, criança ou adulto, que aceita ser “interpretado” por um Outro que inicialmente se oferece a escutar o que ele faz ou diz, não como signo de uma conduta “desviada” ou de uma patologia, senão como portador de uma verdade. Dito de outro modo, que a criança responda com surpresa ou angústia a uma pergunta, a uma interpretação, ou a uma intervenção do analista, e que, por sua vez, não espere imediatamente outra pergunta, ou outra resposta, senão que siga oferecendo elementos – através do brincar, do desenho, da palavra, ou dos diferentes modos em que “isso fala”- que nos fazem sentir que começou a confiar em nós.

REVISTA – Como se coloca a transferência amorosa em relação ao analista na análise com uma criança, uma vez que ela ainda não se confrontou com o impossível da relação sexual?

SILVIA FENDRIK – Não sei como responder a essa pergunta, já que o amor não é necessariamente signo do impossível da relação sexual em termos de genitalidade, ou de diferenças sexuais anatômicas, se não signo de uma



mudança de discurso. A questão do impossível da relação sexual, e a confrontação, ou não com a falta, em termos de “relação sexual”, parece-me que é algo a respeito do qual somos um pouco obsessivos, e que nos faz esquecer o registro do pulsional, que é o que faz com que uma prática clínica mereça levar o nome de “psicanalítica”.

REVISTA – Qual o destino da transferência no final da análise com uma criança?

SILVIA FENDRIK – Essa pergunta se apresenta ainda mais difícil de responder. Parece-me muito difícil ter com uma criança a experiência de um final de análise, já que a análise costuma sempre terminar “antes” e de modo bastante imprevisível, em relação ao que o analista gostaria, o analista às vezes fica muito “traumatizado” por esse final inesperado, prematuro, por essa história “sem final”. Mas não porque a criança assim o priva de poder “teorizar” sobre o final da análise em crianças, embora isso também possa acontecer, senão porque o que costuma acontecer é que a criança muitas vezes termina por ser o objeto transicional do analista, ou, inclusive eu diria, o fetiche (de acordo com Winnicott e com Lacan, o objeto transicional pode ser deixado cair e esquecido, ao passo que o fetiche, por estar no lugar da falta, não pode faltar). Isso leva a perguntar que é que o analista “transfere”, na análise de uma criança, e a lembrar o que dizia Dolto: a análise de uma criança termina quando o analista pode dizer a ela: “já não preciso mais de ti”.

REVISTA – Considerando que hoje em dia atravessamos um período em que os pais se colocam facilmente numa posição de fragilidade quanto à sustentação das funções parentais, esvaziando sua palavra e sua responsabilidade sobre o filho, atribuindo todo o saber aos especialistas e omitindo-se, muitas vezes, de questões que lhes competem como pais, que novas considerações e cuidados isso demanda ao trabalho com a transferência, na psicanálise de crianças?

SILVIA FENDRIK – Não sei se novas, mas concordo em que se trata de uma questão crucial, que nos exige um trabalho ativo sobre nossa “contra-transferência”. Não tem nada de ruim usar essa palavra, se lembramos que é precisamente a que utilizou Maud Mannoni<sup>2</sup> no capítulo 3 do seu livro *A criança retardada e a sua mãe*, para denominar o ódio que nos produz a “voracidade” da mãe ou a “deserção” do pai. Ela dizia que os analistas de crianças se colocam

<sup>2</sup> MANNONI, MAUD. *A criança retardada e a mãe*. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

como salvadores da criança e competem imaginariamente com os pais, aos quais consideram sempre “incompetentes” – a mãe sempre mais ou menos devoradora, e o pai sempre mais ou menos ausente. O livro de Maud foi o primeiro a inaugurar a coleção de Lacan<sup>3</sup> *Le champ freudien*, e Lacan o recomendou muito aos que seguiam o seu seminário *Os quatro conceitos*, para entenderem bem o que ele tinha desenvolvido sobre o par alienação-separação.

Além disso, também não pediu a Maud que mudasse o título do capítulo, ainda quando no seminário da *Angústia*<sup>4</sup> ele tinha advertido do risco de confundir a contra-transferência com o desejo do analista. Mas Mannoni, ao falar da forma como ela faz, de “contra-transferência”, mostra precisamente que esta é precisamente isso: contra-transferência. Essa pergunta me dá a oportunidade de, lembrando da última parte de *Função e campo da palavra*<sup>5</sup>, dizer que o analista não é um salvador da humanidade, senão um “intérprete na discórdia das linguagens” (ou da linguagem).

REVISTA – A partir do teu trabalho, podes falar em especificidades e cuidados na relação transferencial em casos de anorexia?

SILVIA FENDRIK – Aqui passamos de repente a um outro tema, midiático e “alarmático” (não busquem tradução porque é um neologismo) se é que ele existe. A minha resposta, para não ser muito longa, precisa ser breve. Considero que a relação transferencial se torna muito difícil, porque os analistas também formam parte do sistema e, por tanto, estão tão alarmados quanto o resto, pelos riscos que anunciam e difundem os meios de comunicação, baseando-se nos signos, nas condutas e nas estatísticas sobre a anorexia. É muito difícil manter a fortaleza necessária para escutar uma garota diagnosticada como anoréxica sem “pesar ela” e sem querer que (me) coma, pelo menos uma colherinha de “algo”. A contra-transferência também costuma precipitar diagnósticos fatalistas, e o recurso a abordagens inter-multi-pluri-disciplinares, no pior sentido da palavra “disciplina-r”. Escutar as anoréxicas, na sua singularidade “desejante”, exige uma posição de analista que possa suportar o “nada”, fazer-se suporte do “nada” o tempo que for necessário. Nos casos em que eu pude fazê-lo, posso dizer que não foi necessário nenhum cuidado “transferencial” específico, porque as anoréxicas, acredite-se ou não, sabem cuidar-se sozinhas.

<sup>3</sup> LACAN, Jacques. O Seminário – Livro II – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1985.

<sup>4</sup> LACAN, Jacques. O Seminário – Livro X – A angústia (1962-1963) Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2005.

<sup>5</sup> LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: Escritos. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1998.

## A PSICANÁLISE ENTRE O PESO E A LEVEZA<sup>1</sup>

Abrão Slavutzky<sup>2</sup>

*“O futuro da psicanálise passa pela palhaçada”*  
(Jacques Lacan, Roma, 1974, p.21)

É uma incógnita a intenção de Jacques Lacan quando, numa conferência para a imprensa, no dia 29 de outubro de 1974, em Roma, afirmou: “As coisas estão feitas de palhaçadas. Somente assim talvez se possa confiar em um futuro da psicanálise; se for consagrada suficientemente à palhaçada” (p.21). A entrevista era a abertura do VII Congresso da Escola Freudiana de Paris, e o jornalista, frente à resposta surpreendente, espantosa, não seguiu pela via aberta por Lacan, e mudou de assunto. Espero que algum leitor eventual não evite a frase desconcertante e possa ficar espantado, e, a partir daí, pensar os porquês da séria, pomposa, meio arrogante e querida psicanálise precisar tanto assim do humor, do sorriso, das palhaçadas de todos nós.

Há uns oitenta anos o humor tem sido colocado de lado pela comunidade psicanalítica. Nos últimos tempos, aqui e ali, o tema vem aparecendo em livros e artigos, mas há ainda resistência a pensar sobre os porquês da exclusão

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na Jornada da APPOA Freud – presente e futuro – os 150 anos do nascimento de Sigmund Freud, em maio de 2006.

<sup>2</sup> Psicanalista; organizador, com Daniel Kupermann, de *Seria trágico...se não fosse cômico-humor e psicanálise*. Finalista do Prêmio Jabuti 2006 em Educação, Psicologia e Psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. E-mail: slavutzky@terra.com.br

desse assunto do cotidiano institucional. Revisem as revistas e jornadas, e poderão constatar essa ausência. O livro das piadas, o *witz*, que fez cem anos, é o menos lido da obra de Freud. Que explicações e interpretações teremos para esse sintoma? A piada é definida como modelo de toda formação inconsciente, logo, o porquê de estudarmos os sonhos, os lapsos, os sintomas, mas não as piadas, é um mistério. Uma exceção foi o estudo lingüístico da piada feito por Lacan(1970). Sabemos que o analista resiste ao inconsciente, à sexualidade, mas mais ainda ao humor. Essa afirmação merece ser retomada ao final, pois, se for verdade, podemos estar diante de um recalcado impensável até aqui, um verdadeiro recalcado!

Talvez não dê para se levar a sério a piada feita só para rir, mas justamente quando se ri, por uma palavra, é que podemos ver como funciona o inconsciente, que é engraçado. A piada é o modelo de como trabalha o inconsciente. Escrever que a piada é séria constitui um paradoxo que pode parecer uma piada, e quem assim pensar já está aprovado numa avaliação sobre bom humor. Como é possível levar uma piada a sério? Impossível, menos para Freud e o romantismo alemão antes dele. Em 1804, Jean Paul (*apud* Freud, 1905) já escrevia que a piada é mero jogo de idéias e que ele é um sacerdote disfarçado que casa qualquer casal. A piada é uma condensação, ou seja, uma metáfora em que se diz como sujeito o sentido reprimido de seu desejo. A metáfora é o surgimento, em uma cadeia significante, de um significante que chega de outra cadeia. Ela faz parte do humor, o qual, mais do que um estado de espírito, é uma forma de se ver o mundo. É uma forma de brincar com a dor e assim aliviar a tendência masoquista do homem. O humorismo vê o irracional nas coisas que aparecem como racionais, vê o outro lado e assim se assemelha à psicanálise. Será a seriedade da psicanálise incompatível com a piada e o humor?

#### UM DOM PRECIOSO E RARO

Num dia de setembro de 1927, ocorreu o Décimo Congresso Mundial de Psicanálise, aberto por um trabalho de Sigmund Freud, que foi lido por sua filha Anna. O título, *Humor*, foi uma surpresa naquela manhã de segunda-feira, e ninguém entendeu onde encontrara forças aquele homem de setenta e um anos, após quatro operações na mandíbula e com câncer, para escrever que o humor era um dom precioso, dos mais importantes de uma pessoa. Sua vida passava por sofrimentos, perdas, como a do seu neto, além de acontecimentos políticos que anunciavam tempos negros. Ninguém poderia supor que ele escolheria um tema, secundário para todos, como é o do humor, frente a toda uma teoria já estabelecida e uma clínica consolidada. Mais uma vez, ele surpreendeu seus pares, retomando seu livro das piadas.

Seu interesse pelo tema tinha relação com sua identidade judaica, que foi construída através das histórias e piadas que marcaram o povo judeu, desde o Talmud ao menos. Freud, ao escrever sobre a rebeldia do humor, deu mais uma prova de como ao envelhecer ficara mais sábio, por poder valorizar o sorriso entre lágrimas. Lacan, ao dizer, em Roma, que a psicanálise só se salvava como palhaçada, também já tinha mais de setenta anos, ou seja, ambos os psicanalistas, ao envelhecerem, não esqueceram de ficar sábios.

Freud insiste, no seu trabalho sobre o humor, que ele não é resignado, é opositor; não somente significa o triunfo do eu, senão também o do princípio do prazer, capaz de afirmar-se aqui, apesar das circunstâncias reais desfavoráveis. Essa frase de Freud estabelece o humor como irreverente, crítico do *status quo*, e pode estar na origem do conflito entre o humor e a tradição psicanalítica. Durante décadas, as críticas à psicanálise foram tomadas como resistências, não só dos opositores como dos próprios psicanalistas. Fica difícil para as instituições, para os rituais clínicos e de formação, abrirem um espaço para o humor, pois seria contrário à ordem e a certa disciplina que se exige de analistas e pacientes! O humor goza nossas obsessões de forma sedutora, histérica. Mas nos últimos anos é possível perceber uma mudança, talvez caminhemos aos poucos para uma psicanálise mais bem humorada!

O humor consiste numa economia dos afetos; em vez de um sofrimento, ele brinca com nosso infortúnio comum. A famosa história do condenado à forca que abre o artigo sobre humor é a mesma que Freud escrevera há vinte e dois anos atrás, no livro das piadas. Quando um delinqüente é levado ao cadafalso numa segunda-feira, pois foi condenado à morte, manifesta: “Bom, começa bem a semana”. Para quem escuta, há um ganho de prazer humorístico, pois quando seria lógico esperar a dor pela perda da vida, surge uma frase desconcertante, como se não fosse ocorrer a morte em seguida. A vantagem de quem escuta está dada pelo alívio que o humor produz frente a uma situação pesada, que fica aliviada com uma piada certa.

A idéia de situar a psicanálise entre o peso e a leveza tem a ver com o livro de Ítalo Calvino, *Seis propostas para o novo milênio* (1990), cuja primeira proposta é justamente sobre a leveza. Ele passou toda sua vida tentando diminuir o peso das palavras e, sem desmerecer o valor do peso, opta pela leveza. Seguindo sua proposta, poderíamos tentar diminuir o peso do mundo psi na vida institucional, na nossa clínica ou ainda a seriedade das teorias que querem explicar tudo, ou quase tudo. Assim como os neuróticos são sofridos e pesados, o mundo psi também tem esse mesmo viés, como sintomas que estão sempre a se repetir. Felizmente, também há leveza neste mundo psicanalítico, seja nos intervalos das jornadas ou na clínica de vários psicanalistas, ainda há

pouco registrada. A psicanálise já foi mais pesada do que é hoje, já fomos piores e, aos poucos, temos melhorado, o humor já circula mais livremente aqui e ali, e até já rimos da nossa seriedade.

O humor é uma ponte que liga o conhecido ao desconhecido, criando assim um desconcerto. O personagem analista de Bagé pode servir como exemplo, pois a figura fina e sofisticada do analista fica ligada a uma cidade que lembra o gaúcho grosso-barbaridade, *tché!* O fino contrasta com o grosso, e faz sua terapia à base do joelho, gozando as neuroses do vivente. Ficamos todos aliviados com o personagem, rimos de nossas neuroses e de como gostaríamos de nos sentir rapidamente aliviados, como os pacientes imaginários do analista de Bagé.

Para o humor não há área proibida, e o sagrado de qualquer espécie não é respeitado: é proibido proibir aos humoristas. No mundo da psicanálise, ele aparece na margem dos eventos, ou seja, ele é em geral marginal. Os analistas revelam em geral seu bom humor mais nas conversas íntimas, em pequenos grupos, do que na formalidade institucional ou nos trabalhos científicos. O tema do humor tem sido esquecido entre aqueles que estão em evidência, os assim chamados fundamentais.

O essencial do humor é mostrar o mundo como um jogo de crianças, nos dizendo que não se trata de um lugar tão perigoso, mas que serve para se divertir e gozar. O famoso super-eu, sempre lembrado como instância crítica, severa, é diferente no humor, pois o eu é aliviado das suas falhas, dos seus medos; é como se o super-eu dissesse ao eu que não deveria levar o mundo tão a sério, de forma tão sofrida. “O humor assim não seria só um estado de espírito, uma disposição, mas uma maneira de olhar o mundo” (p. 114). Essa frase de Ludwig Wittgenstein (1980) valoriza o humor como sendo a melhor forma de levar a vida, de maneira que a leveza predomine sobre o peso e a dor cotidiana. Freud escreve no fim de seu trabalho que o humor é um dom precioso e raro, pois nem todos são capazes de uma atitude humorística, não podem desfrutar desse prazer que é o consolo do super-eu ao eu, pondo este a salvo do sofrimento tão comum a todos nós, neuróticos.

#### MEUS HERÓIS FORAM OS HUMORISTAS

Aprendi a gostar da vida quando, aos cinco anos, comecei a assistir todas as manhãs de domingo aos filmes de Charles Chaplin e do Gordo e o Magro. Esperava toda semana a chegada da hora do riso e fui aos poucos aprendendo que a vida não precisava ser tão séria. Depois, veio o humor judaico, quando descobri outra forma de ser judeu, o que aliviava uma identidade trágica. Finalmente, conheci o Amigo da Onça, do Péricles, na velha revista *O Cruzeiro*,

e a forma de o brasileiro valorizar o lado alegre da vida. Meus heróis foram os humoristas, os palhaços, e, como não aprendi a ser nenhum dos dois, decidi escrever sobre o humor. O humor é uma forma de existência que goza com todas as seriedades, até com a morte, ao dizer: *Hay seriedad? Soy contra.*

Se a dor da existência é inevitável, fica mais perto da sabedoria quem aprende a desfrutar da vida. Quando os castelos se desfazem, é possível brincar como as crianças, com seus castelos de areia: ao serem invadidos pela água do mar, recomeçam a brincadeira com o que sobrou, aceitando o irremediável. O humor é um jogo que humaniza o saber: o músico joga com sons; o pintor, com tintas; o escultor, com madeira, bronze, pedra; o poeta joga com palavras, mitos, imagens; o pensador, com conceitos, enquanto o humorista joga com o outro lado, e assim surpreende. O grandioso do humor reside no triunfo narcisista sobre as circunstâncias. Ele aumenta a liberdade, pois não fica preso a um lado só da questão. O humor é, portanto, a capacidade de se criar uma ótica simbólica intrapsíquica que faz o sujeito rir de si mesmo, gerando prazer quando poderia produzir-se dor.

O humor contra os poderosos alivia os mais fracos, ele coloca a realidade em suspenso sem anestesiá-la, mas funcionando como um bálsamo. No Brasil da ditadura, surgiu o *Pasquim*, jornal feito por humoristas como Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar e outro jornalistas, que fez a felicidade dos brasileiros todas as semanas. Na época, o humor criticava o autoritarismo de forma inteligente e aos poucos acabou despertando a ira do poder. O humor em todo o mundo questiona tudo, para ele não há o proibido. Muitas vezes, é exatamente isso que gera uma situação de confronto, como a que ocorreu recentemente com um jornal da Dinamarca ao publicar charges sobre Maomé e o islamismo.

O humor alivia a dor, já que não há vida sem dor, e três são suas fontes: a primeira é o próprio corpo e sua fragilidade frente a bactérias, vírus, a genética das doenças, bem como seu envelhecimento. A segunda está dada pelos acidentes climáticos que, quando ocorrem, destroem vidas, plantações e casas. Finalmente, há o sofrimento que provém das relações humanas, devido à inveja, à violência e aos intermináveis mal-entendidos. Assim, se a dor acompanha a vida, o humor tem seu futuro assegurado. E para se ter senso de humor é preciso valorizar menos a dor, pois quem muito sofre é porque tem expectativas de grandes vitórias. É preciso desativar a força da pulsão da morte e recuperar a dimensão da brincadeira.

O humor pode ser infantil ou ser sátira, crítica social, de costumes, ser franco e alegre ou sutil e reflexivo. Depende do espaço e do tempo em que transcorre, tendo marcado a arte através dos tempos: a zombaria agridoce de Esopo, o *wit* inglês de Shakespeare, o riso franco de Rabelais, o humor mordaz

de Swift, a ironia sofisticada de Erasmo de Roterdam, o *humour* e engraçado espanhol de Cervantes, o *sprit* e o burlesco francês de Molière, o sábio sorriso zombeteiro de Voltaire, o mundo grotesco e cruel de Goya, a ironia romântica de Heine, a alegria de Mark Twain e o racional e o absurdo da Europa Central de Kafka. O humor é saudável e *noir*, é de morrer de rir ou sutil, é inofensivo ou corrosivo, pastelão, moralista ou psicológico. Essa variedade faz com que todos os conceitos sejam insuficientes.

Já o Brasil deve a Machado de Assis a introdução do humor na literatura, mas mais do que isso, pois ele ajudou a desenvolver a bem-humorada identidade brasileira. Em fins de 1878, o escritor viajou para Nova Friburgo, onde estivera seis meses por motivo de doença (esgotamento nervoso, talvez depressão) e saiu dali diferente. Perguntaram ao bruxo do Cosme Velho porque ele havia mudado tanto na forma de escrever entre *Helena* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e ele respondeu: “Perdi todas as ilusões sobre os seres humanos” (in Bosi, 2002, p.27). Foi a partir daí que começou a usar o humor, escrevendo com a pena da galhofa e a tinta da melancolia. Em seguida veio o *Alienista*, conto no qual Machado transmite uma profunda desconfiança com o excesso de qualquer autoridade.

A liberdade e a criatividade são decisivas no processo psicanalítico. Ter senso de humor é uma forma de exercer ambas as qualidades, e por isso ele é um dom precioso. Aliás, no ano que vem, o já citado texto *Humor*, de Freud, estará fazendo oitenta anos. O mundo psicanalítico tem escrito mais com a tinta da melancolia que com a pena da galhofa. O psicanalista Heinz Kohut enfatizou o sentido do humor como uma transformação narcisista junto à criatividade, à empatia, à finitude e à sabedoria. O sentido do humor pode ser definido como a capacidade de se aceitar que toda verdade é parcial, e de se poder sorrir dos defeitos, brincar com a seriedade da sociedade, bem como da morte.

O desenvolvimento do sentido de humor é uma das formas de avaliar a evolução do tratamento psicanalítico. Quem pode melhorar seu sentido de humor em relação aos outros, e principalmente a si próprio, conseguiu uma mudança substancial. A transformação narcisista implica diminuir a visão paranóide do mundo, as intermináveis reclamações, aumentando assim a capacidade de se conviver com os infortúnios comuns. Comecei a entender a importância do humor do analista através de meu tratamento com Cyro Martins. Ocorreu um episódio que vale a pena ser contado: eu falava sobre a minha condição de psicanalista, ligado à formação na Argentina, e minha situação atual, ao não ter optado pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Não lembro em detalhe o que dizia, mas em um momento ele disse: – “Porque na nossa sociedade...” – e foi aí que falei indignado, apartando que não era *nossa* sociedade, e, sim, a

dele, e queria ser respeitado como tal. Fiquei aguardando sua resposta para continuar a briga, é claro, e foi quando o velho analista disse: “Creio que meu desejo era que tu fosses da minha sociedade psicanalítica, por isso disse *nos-sa*”. Aí me desarmeí e sorri, pois ele, ao referir-se ao seu desejo de uma aproximação profissional entre nós, fez com que eu ficasse feliz. Não só me reconhecia, como expressou seu desejo que eu entrasse na sua instituição. Além do que, agora me ocorre, a referência à sociedade que já formávamos, e que nos levaria inclusive a produzir o livro *Para início de conversa*. O importante é salientar como a situação de desconfiança foi resolvida através de uma frase bem-humorada do analista. Cyro fez uma interpretação a si e a mim, de forma descontraída, como se nem estivesse interpretando, o que é mais eficaz. Meu espanto foi pela forma simples que resolveu a situação persecutória, e ali comecei a aprender que o humor era o antídoto das brigas, sempre tão chatas e repetitivas. Naquele momento minha paranóia, felizmente, perdeu uma batalha.

A diminuição das queixas marca a tolerância maior com as frustrações. Isaac Babel(1989), em seu conto *O Rabi – a cavalaria vermelha* – escreveu: “Motivos para queixas qualquer idiota tem, difícil é rasgar o véu da existência com alegria”(p.44, 1989). Aí está uma definição do que é ter sentido do humor: diminuir as queixas em vez de passar a vida lamentando-se de tudo, de forma mal-humorada. Portanto, quem deseja aliviar a dor da existência trate de desenvolver o seu senso de humor, pois levar tudo tão a sério não vale a pena, e faz a alma ficar pequena.

#### O DIA EM QUE CONQUISTEI MINHA ANALISTA

Durante a análise que fiz em Buenos Aires, vivi um momento sobre o qual pela primeira vez decido escrever, e que foi o início de uma mudança, além de ilustrar a presença do humor na prática psicanalítica. Minha analista, Fanny Barenblit, que sempre foi tolerante e competente, nunca havia rido, o que era comum na Buenos Aires dos anos setenta. Um dia contei-lhe a seguinte história: num congresso mundial de psiquiatria em Caracas, havia alguns milhares de colegas, e dois psiquiatras americanos prepararam uma investigação sobre a sexualidade humana. Demonstraram que quanto mais freqüente era o sexo, mais felizes as pessoas eram. Ao final da apresentação, foram muito aplaudidos e decidiram lançar um desafio. Pediram para que levantassem a mão os que faziam sexo todos os dias. Uns poucos e risinhos levantaram; depois vieram os que diziam ter uma relação sexual por semana, em seguida os poucos que tinham uma vez por mês levantaram-se envergonhados. Felizes com a participação do grupo espectador, os apresentadores pediram, para concluir, que levantasse a mão quem tinha uma só relação por ano. E um velhinho, fumando

cachimbo, calmo, ergueu a mão de forma serena. Todos ficaram boquiabertos e perguntaram ao velho psiquiatra se ele poderia explicar como um homem que mantinha uma só relação sexual por ano podia estar tão feliz e calmo. Ele só disse: *És hoy, és hoy, és hoy!*

Quando terminei de contar tal história, a psicanalista disse que eu imaginava que ela só tinha uma relação sexual por ano. Interpretou meio rindo, enquanto eu dei uma gargalhada; ela concluiu que eu entendia seu sorriso como uma forma de havê-la penetrado. Aí sim, fiquei ainda mais feliz: esclareço que ela era bonita, olhos verdes, cabelo meio loiro, enfim, uma bela mulher. Após anos de análise, num clima de muita seriedade, abriu-se finalmente um espaço para o humor, e lembro desse momento com alegria. O humor me fez sentir potente!

O humor é erótico, pois abre portas, corações e pernas. Quantas mulheres e homens utilizam seu bom humor para seduzir o outro, uma vez que produzir um sorriso já é uma forma de abrir um corpo. Uma piada ou um dito espirituoso produz um relaxamento corporal, um prazer que alivia e descontraí, daí ser uma porta de entrada no outro.

O humor resgata a alegria tão característica das crianças, que sempre buscam jogar, fantasiar e viver o cotidiano com emoção e entusiasmo. Com o crescimento, perdemos uma parte da imaginação, o motor do erotismo, diminuindo a liberdade de criar e crescendo o tédio. E quando o tédio, uma forma de depressão, domina a vida adulta, o erotismo fica quase anulado.

Para se gozar a vida é necessário que a força da pulsão da morte seja desativada, para diminuir o masoquismo. O sofredor valoriza muito a dor e busca ser amado como uma criança desvalida em busca de alguém que faça justiça ao seu heroísmo doloroso. O desafio não é queixar-se, pois isso todos fazem nas suas vidas, o difícil é se ter alegria, apesar das frustrações. O humor nos faz mais leves, e a leveza é indispensável para voar, imaginar e desenvolver o erotismo.

O humor seria uma das formas de burlar as exigências não só do mundo externo, mas do interno também, ao não levar nada muito a sério, nem mesmo a morte. O bem humorado é sagaz, descobre facetas originais nos acontecimentos, se conecta pelas tangentes com o miolo das coisas e as atravessa por suas diagonais, descobrindo assim o intangível. O humor é uma forma lúdica de reza, pois é preciso muita fé e irreverência, ao mesmo tempo, para desfrutar da vida e manter seu erotismo criativo com os demais.

#### A SERIEDADE DA PIADA

Em três livros foi demonstrada a existência do inconsciente: *A interpretação dos sonhos* (1900), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *A piada e sua relação com o inconsciente* (1905). Os dois primeiros ficaram famosos,

citados aqui e ali, sejam os sonhos de Irma, o capítulo sete, ou o caso Signorelli, entre outros. Mas pergunto: Quantos já leram o livro das piadas? Quantos estudaram? Quantas jornadas já foram feitas que tivesse como tema a piada? Poderia seguir perguntando, mas creio ser suficiente para corroborar algo óbvio: a piada não é levada a sério por nós, psicanalistas, assim como o humor.

A piada é o modelo das formações inconscientes, pois está constituída por palavras, e seu efeito ocorre porque algo da realidade psíquica do ouvinte é despertado no final, sempre surpreendente. Agora, quem define o que é uma piada, o contador ou quem escuta? Sempre quem conta, pois é este que diz ter uma piada para contar, e já sai falando. Certo? Errado: quem define o que é uma piada é sempre o ouvinte, pois se este não rir ao final, a piada fracassou, logo não foi uma piada. Nesse sentido, pode ser comparada a quem define o que é uma interpretação, pois não é o analista, e sim o paciente. Assim como não há interpretação sem que o analisando reaja com associações, com espanto, um riso, enfim com alguma evidência de que as palavras do analista fizeram diferença, a piada também depende sempre do ouvinte: quando alguém ri de uma história, ela passa a ser uma piada, não antes. Tenho dito a amigos que gostam de contar anedotas que anunciem que vão contar histórias, permitindo assim aos seus ouvintes a decisão sobre se foi uma piada ou não.

A piada como modelo foi enfatizada por Freud em 1905, ao estabelecer a relação entre um e outro, no capítulo quinto do já citado livro do *Witz*: o vínculo da piada com o sonho e o inconsciente. O sonho ocorre na solidão do sonhador, não é social, não tem nada a comunicar ao outro. Já a piada é a mais social de todas as operações anímicas, cuja meta é um ganho de prazer. Com frequência, necessita de terceiros, deve ser entendida; a piada é um jogo desenvolvido, já o sonho é sempre um desejo irreconhecível, que serve para economizar um desprazer; a piada produz um ganho de prazer.

#### A VIDA COMO PARADOXO

A história individual e social pode ser pensada como caminhos que nos fazem percorrer labirintos, seja como indivíduos, onde cada um entra e sai de confusões, sejam as sociedades com seus conflitos e loucuras. Todos vamos vivendo de labirinto em labirinto, até o fim de nossos dias, e os tratamentos nos permitem um caminhar sem tanta ansiedade, com mais conhecimento do estranho mundo inconsciente. Já a sociedade, cada vez mais científica, sabe cada vez menos para onde vai e se tem futuro. Esse paradoxo gera o mal-estar atual e limita a eficácia dos tratamentos, pois como pode um sujeito melhorar seus horizontes, num mundo desnordeado? Logo, antes de chorar, recuperemos o riso, afinal a vida é curta.

Por fim uma última questão: Podemos, com o tempo e a análise, melhorar nosso bom humor? Como caminho para a reflexão, relato uma outra história: um paciente tinha com um tio uma relação difícil, pois este, bem mais velho, não perdia oportunidade para irritá-lo, provocando sua brabeza. O comportamento do tio era assim com todos: só se sentia bem quando provocava uma briga, e o outro entrava no seu clima paranóico. Várias vezes levou para as sessões os diálogos nos quais ele terminava discutindo, até que um dia teve uma idéia diferente: se nas conversas com o tio conseguisse manter-se calmo, valeria um gol; do contrário, perdendo a cabeça, era como se levasse um. Imaginou esse jogo sem contar nada para o tio, é claro. Para sua alegria, aos poucos foi conseguindo não entrar no jogo proposto e passou a sentir-se muito bem, transformando a sua paranóia em situações bem humoradas. Seu teste definitivo ocorreu quando um dia o tio perguntou a ele quais eram as novidades. Contou de um negócio, mas foi interrompido de forma surpreendente: “Não quero saber, pois antes não me contaste e agora queres falar”. O paciente disse na hora: “Eu errei duas vezes então: uma ao não te contar antes e outra por te contar agora”. O tio ficou feliz e o paciente seguiu: “Na verdade tu tens sempre razão!” O tio desconfiou e perguntou o porquê. “Ora tio, o senhor é mais velho, sabe mais da vida, logo tens razão”. A conversa terminou aí, e o paciente pôde sentir que seu humor havia mudado e se sentiu agradecido ao tio. Com ele aprendi que ter razão não era preciso!

Em uma jornada psicanalítica realizada há anos, foi apresentado um caso clínico. Na mesa debateram psicanalistas de várias tendências: freudiano, kleiniano e um lacaniano. A questão era comparar diferentes formas de pensar um paciente e como cada escola pensava o tratamento, ou seja, saber quem tinha mais razão. Ocorrido o debate, veio em seguida outra mesa, da qual participei e na qual contei uma pequena história sobre as discussões prévias. Dois judeus discutiam muito sobre quem tinha razão e não chegavam a um acordo. Decidiram, ao final de muito tempo, procurar um rabino para que fosse o juiz. O primeiro falou, falou e, ao final, o rabino disse: “Tu tens razão”. Ele saiu feliz, e o segundo disse, brabo, que não havia falado, e então o rabino pediu para ele falar. Ele explicou tudo diferente, e o rabino disse: “Tu tens razão!” E também ele saiu feliz; e foi quando a esposa do rabino disse: “Não entendo, pois um dá uma versão e tu dizes que ele tem razão, e vem o outro, diz tudo o oposto, e tu também dizes que ele tem razão?” O rabino concluiu com calma: “Tu também tens razão”. Conteí essa história para brincar com a necessidade imperiosa de termos razão, e a colega coordenadora da mesa disse para mim: “Mas eu não estou de acordo com a lógica dessa história”. E eu, me controlando para não rir, disse: “Tu também tens razão”.

Milan Kundera, em *A cortina* (2006), escreveu: “o ser humano ao ter bastante experiência da ‘natureza humana’ (que olha a vida como quem já viu esse filme) e que há muito tempo deixou de levar a sério a seriedade dos homens” (p. 103). Em uma entrevista, o Millôr disse que o humor era sério, ou não era. Mais ainda, acrescentou, o humor é a quintessência da seriedade, ou seja, quando ultrapassamos a seriedade, podemos brincar com ela e ver a vida de outra forma. Será mais ou menos isso que quis dizer Lacan, ao afirmar que a psicanálise só se salvava como palhaçada? Podemos imaginar, para o futuro, o nosso mundo psi de forma mais bem humorada? Um caminho para pensar as dificuldades da psicanálise com o humor poderia ser o da resistência: somos resistentes a pensar a piada como modelo do inconsciente e também o precioso dom de pensar o lado engraçado da realidade psíquica!

Ter bom humor não significa estar sempre bem humorado, pois, na vida, sofremos dores surpreendentes, duras perdas, sem forças às vezes para viver com entusiasmo. Há tempos de bom humor e tempos de mau humor, tempos tristes e tempos alegres, nada de novo, ou tudo novo. Mas viver tendo o humor como visão do mundo, se não resolve os problemas (o que resolve?) torna a vida mais leve. Espero não ter sido pesado, se é que algum leitor eventual conseguiu chegar até aqui.

#### REFERÊNCIAS

- BABEL, I. O rabino. In: *A cavalaria vermelha*. São Paulo: Horizonte Editora, 1989.
- BOSI, A. *Machado de Assis*. In: Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2002.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o novo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREUD, Sigmund. (1901). *Psicopatología de la vida cotidiana* In: \_\_\_\_\_, Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1978, v.6.
- \_\_\_\_\_. (1905) *El chiste y su relación com el inconsciente*. In: \_\_\_\_\_, Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1978, v.8.
- \_\_\_\_\_. *El humor* (1927). In: \_\_\_\_\_, Sigmund Freud Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1978, v.21.
- KUNDERA, M. *A cortina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LACAN, J. (1957-1958). *Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1970.
- \_\_\_\_\_. (1974). *Actas de la Escuela Freudiana de Paris*. VII Congreso Roma. Barcelona: Ediciones Petrel, 1980.
- SLAVUTZKY, A. O humor e o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Psicanálise e cultura*. Rio de Janeiro: 1983.
- \_\_\_\_\_. A piada e sua relação com o inconsciente ou a psicanálise é muito séria em *A invenção da vida-arte e psicanálise*. Org. com Edson Sousa e Elida Tessler. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

## ■ VARIÇÕES

\_\_\_\_\_. O humor abre portas em *O humor abre corações. E bolsos*. Org. Alfredo Fedrizzi. São Paulo: Negócio Editora. 2003.

\_\_\_\_\_. *O humor alivia a dor.- Arquipélago*. Instituto Estadual do Livro, IEL, n. 6, jul. 2006.

WITTGENSTEIN, L. *Cultura e valor*. Lisboa: Edições 70: Lisboa, 1980.

## Revista da APPOA e Correio da APPOA

conecte-se com os temas e eventos  
mais atuais em Psicanálise

Para receber a Revista e o Correio da APPOA, copie e preencha o  
cupom abaixo e remeta-o para\*:

### ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Rua Faria Santos, 258 - Bairro Petrópolis  
90670-150 - Porto Alegre - RS

Se preferir, utilize telefone, fax ou e-mail

☎ (51) 3333 2140 📠 (51) 3333.7922 ✉ appoa@appoa.com.br

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ CIDADE: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_

TEL.: \_\_\_\_\_ FAX: \_\_\_\_\_

E-MAIL: \_\_\_\_\_

INSTITUIÇÃO: \_\_\_\_\_

Sim, quero receber as publicações da APPOA, nas condições abaixo:

- ( ) **Promoção Especial**  
Assinatura anual da **Revista** e do **Correio da APPOA** R\$ 100,00
- ( ) Assinatura anual da Revista da APPOA R\$ 40,00
- ( ) Assinatura anual do Correio da APPOA R\$ 70,00

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2007

\* O pagamento pode ser feito via depósito bancário no Banco Itaú, Bco. 341, Ag. 0604, C/C 32910-2. O comprovante deve ser enviado por fax, juntamente com o cupom, ou via correio, com cheque nominal à APPOA.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

### I APRECIACÃO PELO CONSELHO EDITORIAL

Os textos enviados para publicação serão apreciados pela comissão editorial da Revista e consultores *ad hoc*, quando se fizer necessário.

Os autores serão notificados da aceitação ou não dos textos. Caso sejam necessárias modificações, o autor será comunicado e encarregado de providenciá-las, devolvendo o texto no prazo estipulado na ocasião.

Aprovado o artigo, o mesmo deverá ser enviado para a APPOA, aos cuidados da Revista, em disquete ou por e-mail.

### II DIREITOS AUTORAIS

A aprovação dos textos implica a permissão de publicação, sem ônus, nesta Revista. O autor continuará a deter os direitos autorais para futuras publicações.

### III APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

Os textos devem ser apresentados contendo:

– Folha de rosto: título, nome e créditos do autor (em nota de rodapé), contendo títulos acadêmicos, publicações de livros, formação profissional, inserção institucional, e-mail; palavras-chaves (de 3 a 5 substantivos separados por vírgula); abstract (versão em inglês do resumo); keywords (versão em inglês das palavras-chaves).

– Corpo do texto: deverá conter título e ter no máximo 15 laudas (70 toques/ 25 linhas); usar itálico para as palavras e/ou expressões em destaque e para os títulos de obras referidas.

– Notas de rodapé: as notas, inclusive as referentes ao título e aos créditos do autor, serão indicadas por algarismos arábicos ao longo do texto.

### IV REFERÊNCIAS E CITAÇÕES

No corpo do texto, a referência a autores deverá ser feita somente mencionando o sobrenome (em caixa baixa), acrescido do ano da obra. No caso de autores cujo ano do texto é relevante, colocá-lo antes do ano da edição utilizada.

Ex: Freud ([1914] 1981).

As citações textuais serão indicadas pelo uso de aspas duplas, acrescidas dos seguintes dados, entre parênteses: autor, ano da edição, página.

### V REFERÊNCIAS

Lista das obras referidas ou citadas no texto. Deve vir no final, em ordem alfabética pelo último nome do autor, conforme os modelos abaixo:

#### OBRA NA TOTALIDADE

BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo*; estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

#### PARTE DE OBRA

CALLIGARIS, Contardo. O grande casamenteiro. In: CALLIGARIS, C. et al. *O laço conjugal*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. p. 11-24.

CHAUI, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto (Org). *O desejo*. São Paulo: Comp. das Letras, 1993. p. 21-9.

FREUD, Sigmund. El "Moises" de Miguel Angel [1914]. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. 4. ed. Madrid: Bibl. Nueva, 1981. v. 2.

#### ARTIGO DE PERIÓDICO

CHEMAMA, Roland. Onde se inventa o Brasil? *Cadernos da APPOA*, Porto Alegre, n. 71, p. 12-20, ago. 1999.

HASSOUN, J. Os três tempos da constituição do inconsciente. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 14, p. 43-53, mar. 1998.

#### ARTIGO DE JORNAL

CARLE, Ricardo. O homem inventou a identidade feminina. Entrevista com Maria Rita Kehl. *Zero Hora*, Porto Alegre, 5 dez. 1998. Caderno Cultura, p. 4-5.

#### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

KARAM, Henriete. *Sensorialidade e liminaridade em "Ensaio sobre a cegueira", de J. Saramago*. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

#### TESE DE DOUTORADO

SETTINERI, Francisco Franke. *Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem nas intervenções do psicanalista*. 2001. 144 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

#### DOCUMENTO ELETRÔNICO

VALENTE, Rubens. *Governo reforça controle de psicocirurgias*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0110200323.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2003.

partir de 5 linhas, deverão aparecer em parágrafo recuado e separado, acrescidas do (autor, ano da edição, página).

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA  
DE PORTO ALEGRE**

**MESA DIRETIVA  
(GESTÃO 2005-2006)**

Presidência: Lucia Serrano Pereira  
1ª Vice-Presidência: Ana Maria Medeiros da Costa  
2ª Vice-Presidência: Lúcia Alves Mees  
1ª Secretária: Marieta Madeira Rodrigues  
2ª Secretária: Ana Laura Giongo e Lucy Linhares da Fontoura  
1ª Tesoureira: Maria Lúcia Müller Stein  
2ª Tesoureira: Ester Trevisan

Alfredo Néstor Jerusalinsky, Ângela Lângaro Becker, Carmen Backes, Edson Luiz André de Sousa, Ieda Prates da Silva, Lígia Gomes Víctora, Maria Auxiliadora Pastor Sudbrack, Maria Ângela Cardaci Brasil, Maria Beatriz de Alencastro Kallfelz, Maria Cristina Poli, Nilson Sibemberg, Otávio Augusto Winck Nunes, Robson de Freitas Pereira e Siloé Rey.

**Direção de Ensino:** Ana Maria Medeiros da Costa e Rosane Monteiro Ramalho  
Coordenação de Ensino (ano 2006): Lúcia Alves Mees, Maria Cristina Poli e Marta Pedó.

**Conselho Fiscal:** Jaime Betts, Liliane Seide Froemming e Liz Nunes Ramos

**COMISSÕES**

**Comissão de Acolhimento**

Diana Lichtenstein Corso, Lucia Serrano Pereira, Maria Ângela Cardaci Brasil, Maria Auxiliadora Pastor Sudbrack e Mario Corso.

**Comissão de Analistas-Membros**

Coordenação: Maria Auxiliadora Pastor Sudbrack e Maria Ângela C. Brasil  
Alfredo Néstor Jerusalinsky, Ana Maria Medeiros da Costa, Lucia Serrano Pereira e Robson de Freitas Pereira.

**Comissão de Biblioteca**

Coordenação: Maria Auxiliadora Pastor Sudbrack  
Gladys Wechsler Carnos

**Comissão do Percurso de Escola**

Coordenação: Jaime Betts e Carmen Backes  
Gerson Smiech Pinho, Liz Nunes Ramos, Lucy Linhares da Fontoura, Simone Moschen Rickes e Valéria Machado Rilho.

**Comissão do Percurso de Psicanálise de Crianças**

Alfredo Jerusalinsky, Eda Tavares, Gerson Pinho, Ieda Prates da Silva, Marta Pedó e Simone Moschen Rickes.

**Comissão de Eventos**

Coordenação: Maria Beatriz de Alencastro Kallfelz e Maria Elisabeth Tubino.  
Grasiela Kraemer, Lígia Gomes Víctora, Marcia Zechin, Otávio Augusto Winck Nunes, Regina de Souza Silva e Rossana Oliva.

**Serviço de Atendimento Clínico**

Coordenação: Liz Nunes Ramos e Carlos Henrique Kessler

Alfredo Néstor Jerusalinsky, Ângela Lângaro Becker, Glaucia Escalier Braga, Grasiela Kraemer, Maria Cristina Petrucci Solé, Maria Mônica Poli, Manuela Lanus, Márcia Zechin, Otávio Augusto Winck Nunes, Sandra Torossian e Siloé Rey.

**Comissão de Publicações**

Coordenação: Robson de Freitas Pereira

**Comissão de Aperiódicos**

Coordenação: Ieda Prates da Silva e Lucy Linhares da Fontoura  
Clara von Hohendorff, Elaine R. Silveira, Larissa Sherer, Ricardo V. Martins, Roséli Cabistani, Simone G. Kasper e Valéria Machado Rilho.

**Comissão do Correio**

Coordenação: Gerson Smiech Pinho e Marcia Helena de Menezes Ribeiro  
Ana Paula Stahlschmidt, Ana Laura Giongo, Fernanda Breda, Henriete Karam, Liz Nunes Ramos, Márcio Mariath Belloc, Maria Cristina Poli, Robson de Freitas Pereira, Rosane Palacci Santos, Marta Pedó, Tatiana Jacques e Norton da Rosa Júnior.

**Homepage:** Clara Von Hohendorff, Manuela Lanus e Marta Pedó

**Comissão da Revista**

Coordenação: Otávio Augusto Winck Nunes e Valéria Machado Rilho  
Inajara Erthal Amaral, Maria Ângela Bulhões, Beatriz Kauri dos Reis, Marieta Madeira Rodrigues e Siloé Rey.

**Comissão de Relações Interinstitucionais**

Coordenação: Marta Pedó  
Ana Maria Medeiros da Costa, Robson de Freitas Pereira, Edson Luiz André de Sousa e Maria Cristina Poli.